

# adf

AFRICA DEFENSE FORUM



## Ameaças Sem Fronteiras

### Militares Cooperam para Enfrentar o Terrorismo Transnacional

**Grupos Terroristas Transformam Drones em Armas**

**DDR Oferece um Caminho para a Paz**

**PLUS**

**Uma Conversa Com o Major-General Peter Muteti,  
Vice-Comandante da Força da AUSSOM**

VISITE-NOS EM [ADF-MAGAZINE.COM](http://ADF-MAGAZINE.COM)



# reportagens

- 8 Terrorismo Ganha Raízes**  
Nas últimas duas décadas, grupos terroristas surgiram e persistiram do Mali a Moçambique
- 14 'A União Faz a Força'**  
Uma conversa com o Major-General Peter Muteti, antigo comandante-adjunto da Força da Missão de Apoio e Estabilização da União Africana na Somália
- 20 A Moeda do Terror**  
Terroristas de todo o continente exploram práticas antigas e novas tecnologias para financiar as suas operações
- 26 'EMP do Mercado Negro' Alimentam o Conflito**  
Grupos estrangeiros estão a treinar, aconselhar e armar terroristas do continente
- 34 Cresce o Terror dos Drones**  
Os terroristas estão a encontrar novas formas de transformar os drones em armas
- 40 A Saída do Combate**  
Os programas DDR podem impedir o regresso à guerra, mas enfrentam obstáculos
- 46 Franquias do Medo**  
Um número crescente de afiliados do Estado Islâmico e da al-Qaeda fez de África o epicentro mundial do terrorismo
- 50 A Ligação Entre o Crime e o Terrorismo**  
Terroristas criam parcerias com grupos criminosos organizados para obter lucro e acesso territorial

# colunas

4 Pontos de Vista

5 Perspectiva Africana

6 África Hoje

32 Batimento Cardíaco Africano

56 Ferramentas da Profissão

58 Força Futura

60 Defesa e Segurança

62 Manutenção da Paz

64 Trabalho em Equipa

66 Retrospectiva

67 Onde Estou?



**A Africa Defense Forum  
está disponível online**

Visite-nos em [adf-magazine.com](http://adf-magazine.com)



## **NA CAPA**

Membros do Batalhão de Operações Especiais da Marinha do Quênia realizam um desembarque anfíbio simulado durante o Treino Conjunto Combinado em Mombaça.

SARGENTO SABATINO DIMASCIO  
/FORÇA AÉREA DOS EUA

Os grupos terroristas transnacionais sabem como encontrar pontos fracos no mapa. Procuram regiões isoladas porque os países não cooperam militarmente nem partilham informações. Movem-se ao longo de fronteiras com pouca vigilância. Procuram pessoas que se sentem mal servidas e esquecidas pelo seu governo. Procuram comunidades assoladas por divisões culturais e políticas.

Estes são os ingredientes necessários para o terrorismo prosperar, e a mistura é bastante forte no Sahel.

Nos últimos anos, o Sahel tem sido o epicentro mundial do terrorismo, sendo responsável por quase metade das mortes relacionadas com o terrorismo no mundo. Os golpes militares no Burkina Faso, no Mali e no Níger foram lançados com o objectivo de acabar com a violência, mas não fizeram nada para retardar a sua expansão. As parcerias com mercenários estrangeiros só levaram a mais derramamento de sangue e caos. Agora, grupos terroristas afiliados à al-Qaeda e ao Estado Islâmico estão a avançar em direcção à costa ocidental africana.

O Sahel não é o único ponto crítico do terrorismo. Os grupos terroristas também operam na Somália, na Bacia do Lago Chade, na região dos Grandes Lagos e em Moçambique. Na última década, os terroristas mataram 150.000 pessoas em África.

A única maneira de impedir esses ataques é protegendo as zonas onde os terroristas operam livremente. Isso não pode ser feito por uma nação sozinha. Serão necessários esforços continentais e regionais para desenvolver formação conjunta e intercâmbio de conhecimento e inteligência.

Em alguns casos, isso já está a acontecer. O Senegal e a Mauritânia patrulham conjuntamente as fronteiras terrestres e marítimas. A Costa do Marfim abriu a sua Academia Internacional de Combate ao Terrorismo a combatentes de todo o continente. Os países costeiros estão à procura de novas formas de parceria com os seus vizinhos do Sahel, apesar dos desafios políticos.

Esta cooperação é vital e o tempo é essencial. Grupos terroristas transnacionais que perderam terreno no Médio Oriente mudaram-se para África, com ambições semelhantes de estabelecer um califado que atravessa fronteiras e desestabiliza grande parte do continente. Ao trabalharem em conjunto, as nações podem negar aos terroristas o espaço e o ambiente de que precisam para lançar ataques. Os profissionais de segurança e os líderes civis de África devem aproveitar o momento, reconhecer a missão comum e combater a crescente ameaça.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos

Um soldado da Costa do Marfim participa num treino antiterrorista em Adiake, na Costa do Marfim. À medida que os grupos terroristas procuram expandir-se a partir do Sahel, os países costeiros estão a reforçar as suas defesas e a procurar novas formas de parceria com os seus vizinhos. FORÇA AÉREA DOS EUA



## Terrorismo Transnacional

Volume 19, 1º Trimestre

COMANDO AFRICANO  
DOS ESTADOS UNIDOS



### CONTACTOS:

#### U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum  
Unit 29951  
APO-AE 09751 USA

[ADF.Editor@ADF-Magazine.com](mailto:ADF.Editor@ADF-Magazine.com)

#### HEADQUARTERS U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum  
Geb 3315, Zimmer 53  
Plieninger Strasse 289  
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme necessário.

# ‘Estamos numa encruzilhada digital’

O Dr. Workneh Gebeyehu, da Etiópia, secretário-executivo da Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento (IGAD), discursou no Seminário Consultivo Regional sobre o Aproveitamento da Inteligência Artificial e da Segurança Cibernética para a Segurança, Cooperação e Resiliência, em Nairobi, Quênia, no dia 18 de Junho de 2025. Os comentários foram editados por questões de extensão e clareza.



**Em toda a nossa região, enfrentamos desafios complexos de segurança**, que vão desde o crime transnacional e o terrorismo até ao crime cibernético e as lacunas na gestão das fronteiras. No entanto, mesmo dentro desses desafios, existe a oportunidade de inovação por meio de soluções de inteligência artificial e segurança cibernética.

O futuro da segurança regional pertence àqueles que aproveitam a IA. Desafio todos nós a nos tornarmos arquitectos activos do futuro da segurança digital da nossa região.

Juntem-se a mim para imaginarmos juntos sistemas de IA que ajudem as nossas autoridades policiais a prever padrões de criminalidade, otimizar a alocação de recursos e detectar ameaças com antecedência. Imaginem comigo plataformas alimentadas pela IA a melhorar a gestão das fronteiras e a criar comunidades mais seguras e conectadas.

A tecnologia já está a transformar a segurança em toda a nossa região. Na Etiópia, as autoridades policiais estão a implementar algoritmos de policiamento preditivo para combater o crime urbano. Aqui no Quênia, os sistemas de vigilância baseados em IA reduziram o tempo de resposta da polícia em 40% e melhoraram a detecção de crimes em 30%.

No Uganda, os sistemas nacionais de identificação digital estão a permitir uma verificação de identidade avançada para as agências de segurança. Além da nossa região, a força policial do Ruanda tornou-se um modelo regional para o policiamento comunitário integrado à IA. Na nossa própria sede [IGAD] na República do Djibouti, os sistemas de segurança portuária alimentados pela IA estão a melhorar a segurança marítima em todo o corredor do Mar Vermelho.

Apesar destes desenvolvimentos positivos, continuamos a enfrentar sérios desafios. Os ataques cibernéticos são responsáveis por 68% das violações bem-sucedidas em todo o nosso continente

africano. É evidente que as redes criminosas estão cada vez mais a visar as bases de dados das forças policiais, enquanto as organizações terroristas exploram as nossas fracas defesas digitais.

Afirmo que, se agirmos com determinação, a região da IGAD e o grande Corno de África podem liderar a implementação responsável da IA para a segurança. Até 2035, a IA poderá contribuir com 180 bilhões de dólares para o nosso produto interno bruto regional, criando 2,5 milhões de empregos, incluindo funções críticas de segurança cibernética.

No entanto, as projecções mostram que precisamos de 500.000 profissionais de IA e segurança cibernética até 2030, mas estamos a formar menos de 15.000 por ano. A fim de aproveitar as promessas da IA e, ao mesmo tempo, proteger-nos contra os seus perigos, proponho os seguintes três princípios por considerar:



## Gestão de segurança harmonizada.

Devemos estabelecer protocolos regionais de ética em IA para a aplicação da lei, normas partilhadas de segurança cibernética e mecanismos transfronteiriços de resposta a incidentes. Uma estratégia regional de IA baseada na legislação de protecção de dados dos nossos Estados-membros fornece modelos para equilibrar a inovação com a segurança.

**Investimento maciço em profissionais de segurança.** Vamos lançar a Iniciativa de Competências em Segurança Digital da IGAD, formando especialistas em segurança cibernética e estabelecendo centros de excelência em IA em cada Estado-membro, com especial enfoque nas aplicações de fiscalização da lei.



A Polícia Federal da Etiópia usa um programa de IA que permite os cidadãos denunciarem crimes directamente às autoridades policiais. AFP/GETTY IMAGES

## Inovação indígena em matéria de segurança.

Apelo à criação do Fundo de Inovação em Segurança de IA da IGAD, que apoiará startups a enfrentar os nossos desafios regionais únicos, que vão desde a monitorização de fronteiras até à inteligência antiterrorista.

A partir desta reunião, proponho ainda que adoptemos o “Compromisso de Nairobi,” que afirma que, até 2030, todos os cidadãos da IGAD beneficiarão de segurança aprimorada pela IA, enquanto serão protegidos contra ameaças digitais. Isso significa que os governos devem alocar pelo menos 2% dos orçamentos à infra-estrutura de segurança de IA, o sector privado deve comprometer-se com o desenvolvimento de talentos locais e os parceiros de desenvolvimento devem fornecer transferência de tecnologia para as nossas agências de aplicação da lei.

Estamos numa encruzilhada digital. Um caminho leva à IA, ampliando as nossas capacidades de segurança, onde todos os agentes da polícia têm acesso à inteligência em tempo real, todas as fronteiras são monitorizadas por sistemas inteligentes e os nossos cidadãos são protegidos por medidas de segurança preditivas. O outro caminho leva ao colonialismo digital, onde os nossos dados de segurança enriquecem empresas distantes, enquanto as ameaças cibernéticas prejudicam o nosso progresso.

Juntos, podemos transformar os desafios da IA em oportunidades e aproveitar a tecnologia como uma força para a nossa segurança colectiva, a dignidade humana e a prosperidade regional.



Investigadores do Serviço de Investigação Criminal de Angola desmantelam e processam equipamentos informáticos apreendidos na operação Serengeti 2.0.

INTERPOL

# REPRESSÃO DO CRIME CIBERNÉTICO LEVA A 1.200 PRISÕES EM 18 PAÍSES

EQUIPA DA ADF

**As** autoridades prenderam 1.209 criminosos cibernéticos e recuperaram 97,4 milhões de dólares numa grande repressão envolvendo investigadores de 18 países africanos, do Reino Unido e da Interpol.

A operação, chamada Serengeti 2.0, decorreu de Junho a Agosto de 2025 e combateu crimes cibernéticos de alto impacto, como esquemas de comprometimento de e-mails comerciais, ransomware e outros golpes online, informou a Interpol. As autoridades identificaram cerca de 88.000 vítimas de fraude e redes ilegais de criptomoedas e desmantelaram 11.432 infra-estruturas maliciosas.

Antes da operação, os investigadores participaram em workshops que abordaram ferramentas e técnicas de inteligência de código aberto, investigações de criptomoedas e análise de ransomware, de acordo com a Interpol. Essa formação foi importante, porque contribuiu para a eficácia e o sucesso da Serengeti 2.0.

“Cada operação coordenada pela Interpol se baseia na anterior, aprofundando a cooperação, aumentando a partilha de informações e desenvolvendo habilidades de investigação entre os países-membros,” Valdecy Urquiza, secretário-geral da Interpol, disse num comunicado. “Com mais contribuições e partilha de conhecimentos, os resultados continuam a crescer em escala e impacto. Esta rede global está mais forte do que nunca, proporcionando resultados reais e protegendo as vítimas.”

Num relatório de Junho de 2025, a Interpol afirmou que as denúncias de fraude online em alguns países africanos aumentaram 3.000% no ano anterior. O crime

cibernético representa agora mais de 30% de todos os crimes denunciados na África Ocidental e Oriental.

Numa operação, as autoridades angolanas encerraram 25 centros de mineração de criptomoedas nos quais 60 operadores chineses validavam ilegalmente transacções em moeda digital. As autoridades angolanas apreenderam equipamentos no valor estimado de 37 milhões de dólares. Os rendimentos da apreensão serão destinados à melhoria da distribuição de electricidade no país da África Central, informou a Interpol.

Na Costa do Marfim, os agentes policiais desmantelaram um esquema transnacional de herança — descrito como uma das fraudes mais antigas da internet — no qual as vítimas pagavam taxas para reivindicar fortunas fictícias, causando perdas de cerca de 1,6 milhões de dólares. As autoridades da Costa do Marfim apreenderam aparelhos electrónicos, bijuteria, dinheiro, veículos e documentos.

Investigadores da Zâmbia desmantelaram uma grande operação fraudulenta que atraía pessoas para um esquema de investimento em criptomoedas online. O esquema roubou cerca de 300 milhões de dólares de cerca de 65.000 vítimas. As autoridades da Zâmbia também desmantelaram uma rede suspeita de tráfico de seres humanos com a ajuda do Departamento de Imigração de Lusaka, confiscando 372 passaportes de sete países.

Autoridades de Angola, Benin, Camarões, Chade, Costa do Marfim, República Democrática do Congo, Gabão, Gana, Quênia, Maurícias, Nigéria, Ruanda, Senegal, Seychelles, África do Sul, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe participaram na operação.



## CEDEAO Trabalha para Criar Uma Brigada de Combate ao Terrorismo

EQUIPA DA ADF

**A** Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) planeia activar uma brigada antiterrorista de destacamento rápido com 260.000 soldados para ajudar a combater o terrorismo na sub-região.

“Esta iniciativa ousada tornou-se necessária, dada a dinâmica assimétrica de segurança na nossa região,” afirmou Abdel-Fatau Musah, comissário da CEDEAO para os Assuntos Políticos, Paz e Segurança. Ele falou em nome do presidente da Comissão, Dr. Omar Touray, na primeira Cimeira dos Chefes de Estado-Maior da Defesa de África, realizada em Abuja, Nigéria, em Agosto de 2025.

“Estamos conscientes do facto de que isso requer os recursos financeiros e as capacidades necessárias para se tornar realidade. A CEDEAO está, portanto, a lançar o desafio aos parceiros bilaterais e multilaterais para complementar este ousado esforço regional,” disse Musah.

O esforço proposto de 2,5 bilhões de dólares por ano forneceria apoio logístico e financeiro aos Estados da linha da frente e complementaria a força em estado de alerta da União Africana, de acordo com Vanguard, um jornal nigeriano.

A CEDEAO continuaria o seu compromisso de aumentar a sua brigada de 5.000 homens no âmbito da Arquitectura de Paz e Segurança da União Africana, de acordo com um editorial do The Nation, um jornal nigeriano.

O Sahel é considerado o epicentro do terrorismo, sendo



AFP/GETTY IMAGES

Soldados nigerianos patrulham após homens armados suspeitos de pertencerem ao Estado Islâmico na Província da África Ocidental invadirem uma aldeia, matando um soldado e três residentes.

responsável por mais de metade de todas as mortes relacionadas com o terrorismo a nível global, de acordo com o Índice Global de Terrorismo, que relatou que as mortes relacionadas com o terrorismo na região aumentaram dez vezes desde 2019.

O Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM), afiliado à al-Qaeda, e o Estado Islâmico na Província do Sahel (ISSP) têm-se expandido constantemente para o sul e oeste. Héni Nsaibia, analista sénior para a África Ocidental no Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos (ACLED), observou que eles têm como alvo as regiões fronteiriças entre Benin, Níger e Nigéria, onde as forças de segurança estão sobrecarregadas e os civis estão cada vez mais expostos à violência.

“O investimento do JNIM e do ISSP em actividades transfronteiriças sugere que esta região fronteiriça é cada vez mais importante para a expansão jihadista,” escreveu Nsaibia. “Os grupos têm explorado as fronteiras porosas para consolidar a sua presença e promover os seus objectivos de estabelecer proto-Estados, mas também para complicar os esforços militares para conter as suas áreas de operação.”

## Ameaça Terrorista Regional Realça *Necessidade de Logística Militar*

EQUIPA DA ADF

**A** medida que os grupos terroristas continuam a expandir-se para além do Sahel, os países da África Ocidental estão a enfatizar a importância da cooperação logística para rapidamente mobilizar e apoiar as tropas.

A crescente ameaça da al-Qaeda e dos afiliados do Estado Islâmico pairou sobre a Conferência de Logística da África Ocidental de 2025, co-organizada pelo Comando dos Estados Unidos para a África (AFRICOM) e pelas Forças Armadas da Libéria (AFL) na capital, Monróvia, em Agosto de 2025.

Mais de 90 participantes de 22 países e organizações estiveram presentes, incluindo a maioria dos países da África Ocidental e representantes da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO).

“Esta conferência não poderia ter ocorrido em melhor altura do que hoje,” o Chefe do Estado-Maior das AFL, Major-General Davidson Forleh, disse na cerimónia de abertura. “O inimigo comum que todos enfrentamos hoje no mundo é o terrorismo. Nenhum país pode combater o terrorismo sozinho. É preciso haver união. É preciso haver uma sinergia de esforços.”

A conferência contou com painéis de discussão, fóruns e trocas de melhores práticas e lições aprendidas. Os tópicos incluíram planeamento e coordenação logística regional, sistemas de transporte de defesa, interoperabilidade entre a CEDEAO e países parceiros, resiliência e sustentabilidade da cadeia de abastecimento, resposta a crises, logística

humanitária e parcerias público-privadas.

A principal preocupação da logística militar é como obter, armazenar, transportar e descartar material em todo o continente. Os responsáveis pela logística são responsáveis por uma grande variedade de suprimentos. Eles supervisionam a construção e a manutenção das instalações. Alimentam, equipam, movimentam e armam os seus soldados.

“Estamos aqui para garantir que todos nós contribuamos com a nossa experiência em logística,” disse Forleh. “Sem logística, não se ganha uma batalha.”

A equipa de logística do AFRICOM liderou uma discussão sobre o Modelo de Avaliação Operacional Avaliar, Aconselhar, Defender e Integrar, chamado A3I. O modelo recebe dados logísticos auto-reportados por parceiros africanos, tais como nós de abastecimento, pontos de abastecimento de combustível e pistas de aterragem.

O objectivo é construir uma avaliação completa dos pontos fortes e das lacunas regionais em termos de capacidade, com metas específicas, mensuráveis e alcançáveis, de acordo com o Tenente-Coronel Saimo Kortu, Chefe-Adjunto do Estado-Maior de Logística das AFL.

“Estamos a aperfeiçoar o produto para mapear completamente todas as nossas capacidades, identificar lacunas e pensar em como essas lacunas podem ser preenchidas,” disse sobre o A3I. “É uma ferramenta muito útil que vai ajudar a melhorar a nossa capacidade.”



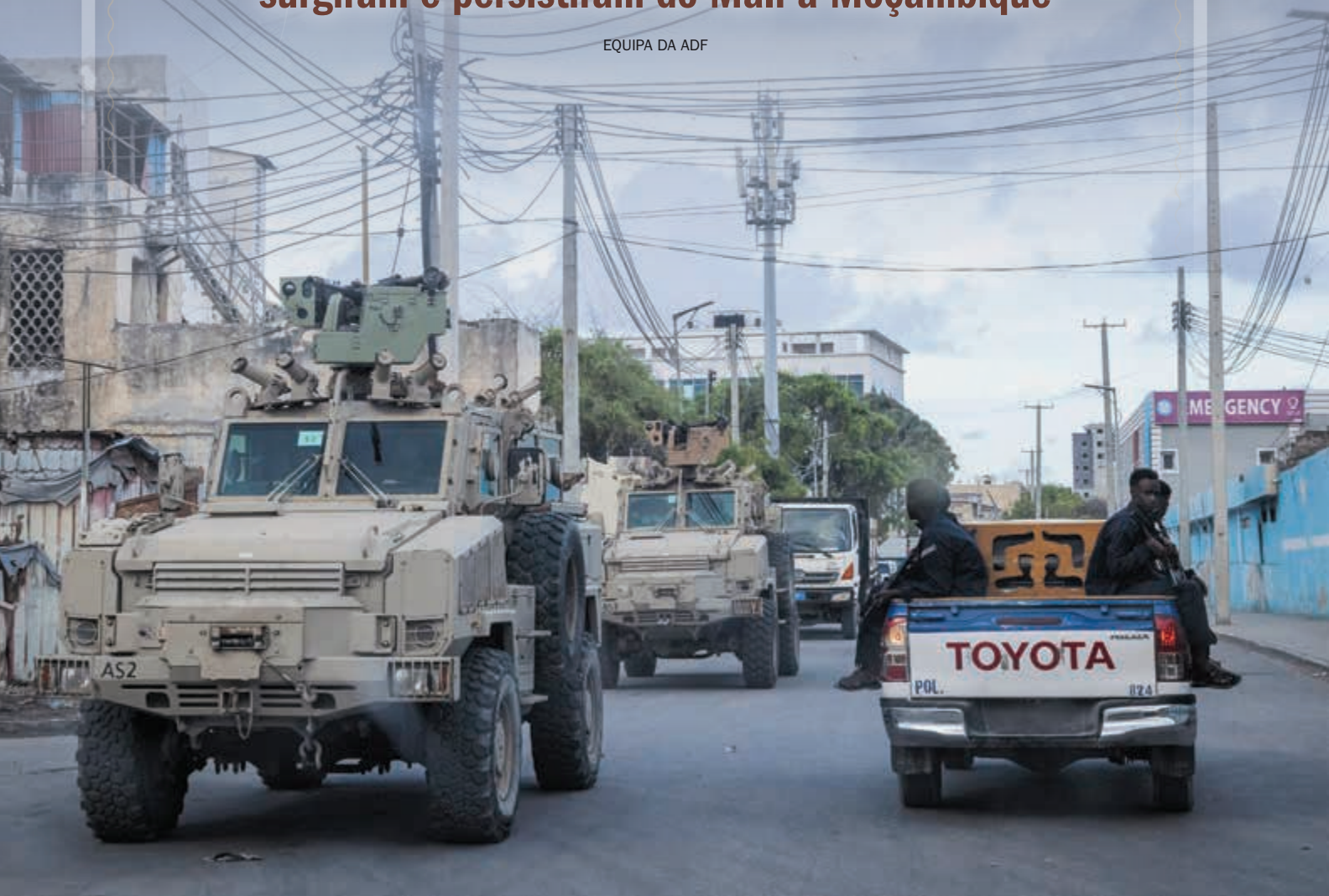
O Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Libéria, Major-General Davidson Forleh, discursando durante a Conferência de Logística da África Ocidental em Monróvia, em Agosto de 2025.

SARGENTO BRENTAN MEADOWS/  
EXÉRCITO DOS EUA

# TERRORISMO GANHA RAÍZES

**Nas últimas duas décadas, grupos terroristas surgiram e persistiram do Mali a Moçambique**

EQUIPA DA ADF



**N**o final de 2025, quatro regiões africanas continuavam a sofrer ameaças terroristas: o Sahel, particularmente Burquina Faso, Mali e Níger; a Bacia do Lago Chade, incluindo o norte da Nigéria e Camarões; a província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique; e a Somália.

Uma mistura tóxica de afiliados da al-Qaeda e do Estado Islâmico (EI) surgiu e se espalhou nos últimos 15 anos. Os ataques no Sahel aumentaram significativamente, com terroristas ameaçando — e, às vezes, cruzando — as fronteiras para países costeiros como Benin e Togo.

Na África Oriental, forças internacionais somalis e apoiadas pela União Africana combatem os brutais terroristas do al-Shabaab. A sul, os terroristas afiliados ao EI sobreviveram a uma missão de três anos da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral em Moçambique, que se retirou em Julho de 2024. As tropas ruandesas permanecem.

Os terroristas também mudaram as suas táticas de combate. Alguns grupos empregam empresas militares privadas jihadistas experientes no Iraque e na Síria. Eles oferecem consultoria, treino e apoio de combate para ganhar dinheiro e espalhar uma ideologia tóxica. Os terroristas também estão a usar cada vez mais drones para igualar capacidades antes reservadas aos exércitos nacionais. O financiamento dessa tecnologia provém de várias redes internacionais e conexões criminosas mantidas pelos terroristas

**Página oposta:** Veículos blindados da União Africana circulam pelo centro de Mogadíscio, na Somália, em Abril de 2025. GETTY IMAGES



**Acima:** Soldados das Forças de Defesa da Puntlândia observam os combates do outro lado do vale a partir de uma caverna outrora utilizada por combatentes do Estado Islâmico na Província da Somália.

THE WASHINGTON POST  
VIA GETTY IMAGES

Um soldado nigeriano da Força-Tarefa Conjunta Multinacional procura dispositivos explosivos improvisados em Monguno, Nigéria.

AFF/GETTY IMAGES



## A INSTABILIDADE GERA INSEGURANÇA

Três nações do Sahel — Burquina Faso, Mali e Níger — tiveram cinco golpes de Estado em menos de três anos. Também assistiram a um aumento constante de ataques terroristas e à propagação de grupos terroristas, particularmente o Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM) e o Estado Islâmico na Província do Sahel (ISSP). Os golpes de Estado foram, em grande parte, o resultado da percepção de que os governos civis estavam a falhar em conter a crescente onda de terrorismo. Agora, as juntas governantes em cada país estão a falhar, e os terroristas estão a assumir o controlo de estradas importantes, avançando sobre as capitais e ameaçando os transportes de combustível.

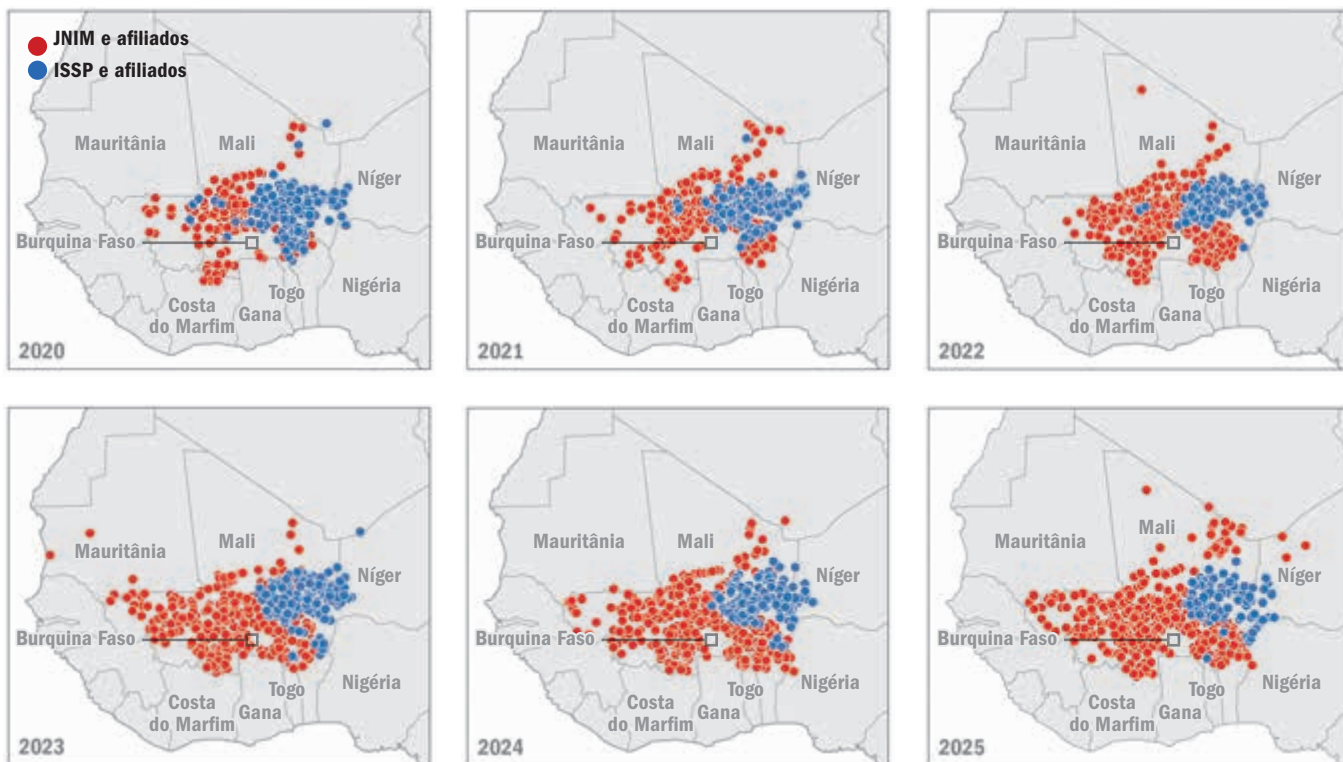
“Se as insurgências continuarem a ganhar força ao ritmo actual, estarão em posição de forçar o governo a sair dos centros populacionais,” Michael DeAngelo escreveu em Maio de 2025 para o Foreign Policy Research Institute. “Isso faria com que estes países se tornassem Estados em colapso e permitiria aos grupos jihadistas estabelecer um Estado islâmico.”

### Ataques do JNIM e do ISSP no Sahel de 2020 a 2025

À medida que a governação civil deu lugar ao regime militar em Burquina Faso, Mali e Níger, os ataques terroristas têm aumentado constantemente. Os mapas abaixo mostram a proliferação de ataques por apenas dois grupos principais.



Soldados do Exército Nacional da Somália fazem uma pausa no instituto de formação de Hiiilweyne, numa base militar ao norte de Mogadíscio. GETTY IMAGES



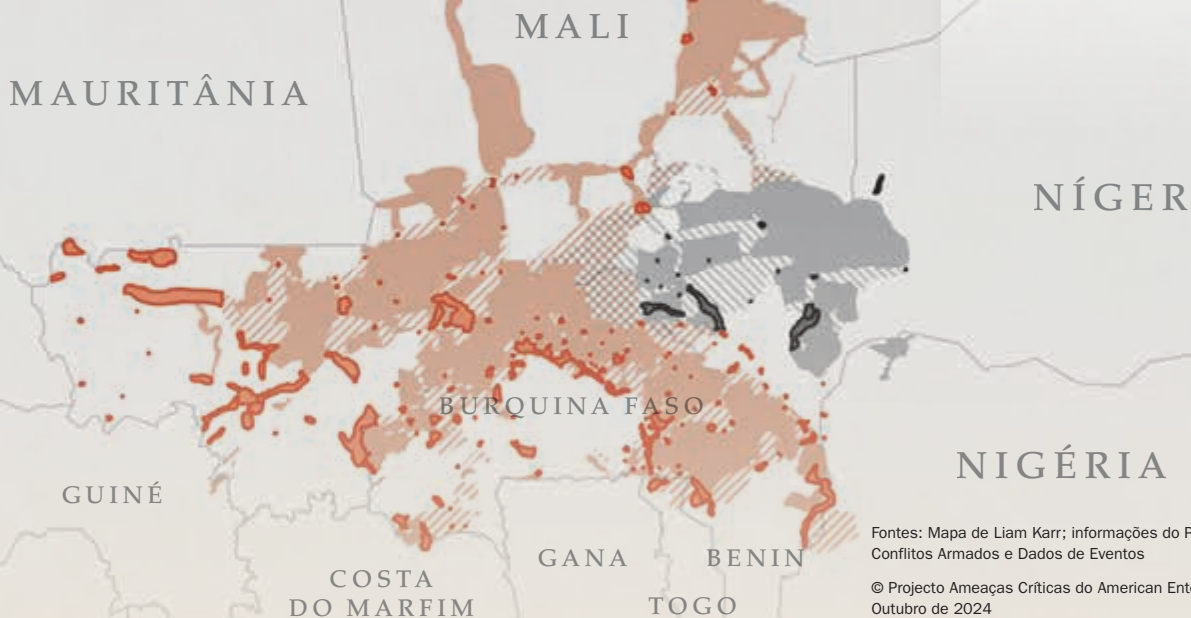
Nota: Compilado pelo Centro de Estudos Estratégicos de África. Cada mapa mostra eventos violentos envolvendo os grupos listados no ano que terminou a 30 de Junho. As designações dos grupos não devem ser consideradas oficiais. As afiliações podem mudar devido à natureza fluida de alguns grupos.

Fontes: Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos, Centro Para Democracia e Direitos Humanos, Instituto Hiraal, Humangle, Grupo Internacional de Crise, Instituto de Estudos de Segurança, MENASTREAM, Instituto Washington e Nações Unidas

## Áreas de operação do JNIM e do ISSP no Sahel até Outubro de 2024

Este mapa mostra como as forças do JNIM e do ISSP se espalharam nos três países liderados por juntas militares: Burquina Faso, Mali e Níger

- Zonas de apoio do JNIM
- Zonas de apoio disputadas pelo JNIM
- Zonas de ataque do JNIM
- Zonas de apoio do ISSP
- Zonas de apoio disputadas pelo ISSP
- Zonas de ataque do ISSP



Fontes: Mapa de Liam Karr; informações do Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos

© Projecto Ameaças Críticas do American Enterprise Institute, 31 de Outubro de 2024



**À esquerda:** Um soldado nigeriano treina na base da Força-Tarefa Conjunta Multinacional em Monguno, no Estado de Borno, na Nigéria, em Julho de 2025. As tropas da força-tarefa combatem os terroristas do Boko Haram e do Estado Islâmico na Província da África Ocidental. AFP/GETTY IMAGES

Pessoas deslocadas a bordo de uma carrinha em Mocimboa da Praia, na província de Cabo Delgado, em Moçambique. AFP/GETTY IMAGES



## TERRORISMO POR REGIÃO

Abaixo encontra-se uma lista das regiões onde os terroristas são mais activos e os grupos que actuam em cada área.

### O Sahel

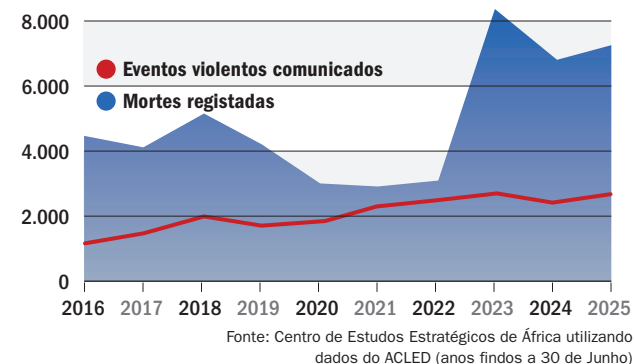
O grupo mais mortífero e activo no Sahel é o JNIM, um consórcio de grupos terroristas islâmicos radicais, como Ansar al-Dine, Frente de Libertação de Macina e Katiba Hanifa. O JNIM é afiliado à al-Qaeda e opera em todo o Burquina Faso e Mali. Os seus 6.000 a 7.000 combatentes são responsáveis por 83% de todas as mortes no Sahel. Eles têm ameaçado cada vez mais os países costeiros da África Ocidental.

O outro grande interveniente no terrorismo do Sahel é o ISSP. Os seus 2.000 a 3.000 combatentes actuam principalmente no norte do Burquina Faso e no oeste do Níger, de acordo com um relatório do Centro de Estudos Estratégicos de África.



### Somália

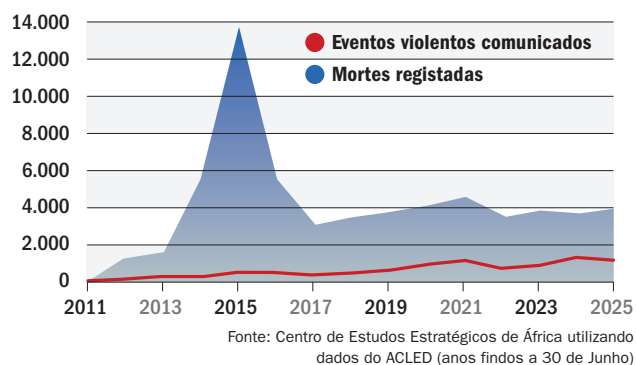
Aquela nação do Corno de África continua a sua luta de vários anos contra o al-Shabaab, alinhado com a al-Qaeda, que conta com 5.000 a 10.000 combatentes. As 6.224 mortes relacionadas com o al-Shabaab no ano terminado a 30 de Junho de 2025 são o dobro das verificadas no mesmo período terminado em 2022. O IS-Somália, que opera principalmente na região da Puntlândia, no norte, também contribui para a insegurança. Conta com cerca de 1.000 combatentes e é considerado um centro global das operações administrativas e financeiras do IS.



### Bacia do Lago Chade

O Boko Haram e a Província do EI na África Ocidental (ISWAP) são responsáveis por 18% das mortes relacionadas com o terrorismo no continente. Embora o número de

mortes tenha diminuído em relação aos picos observados há cerca de uma década, as 3.982 mortes em 2024-25 são 7% superiores às do ano anterior. Só a Nigéria registou um aumento de 18% nas mortes nesse mesmo período. O Boko Haram tem cerca de 1.500 a 2.000 combatentes. O ISWAP tem 4.000 a 7.000.



### Moçambique

A província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique, está entre os mais novos teatros de terrorismo do continente. Já se passaram mais de oito anos desde que os terroristas se tornaram conhecidos com os seus ataques. O grupo ligado ao EI, que tem 200 a 300 combatentes, é chamado de Ansar al-Sunnah — ou al-Shabaab, coloquialmente. Tropas do Ruanda e da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral foram rapidamente destacadas para enfrentar a ameaça. Milhares de soldados e polícias ruandeses permanecem no local. O conflito alimenta-se, em grande parte, das queixas locais, de acordo com um relatório do Instituto de Estudos de Segurança de Outubro de 2025.

As 330 mortes em 2024-25 relacionadas com o grupo representam uma descida de 84% desde o pico de 2021, mas a ameaça persiste.



## COMO OS TERRORISTAS FINANCIAM AS SUAS ACÇÕES?

Os métodos de financiamento são tão variados quanto os grupos terroristas que os empregam. Eles podem variar de pequenas extorsões à beira da estrada a esquemas de criptomoedas, fraudes e operações de branqueamento de capitais.

Por exemplo, o JNIM é conhecido por explorar e se envolver em operações de mineração artesanal de ouro, sequestros para obtenção de resgate, roubo de gado, extorsão em estradas e postos de controlo, tributação

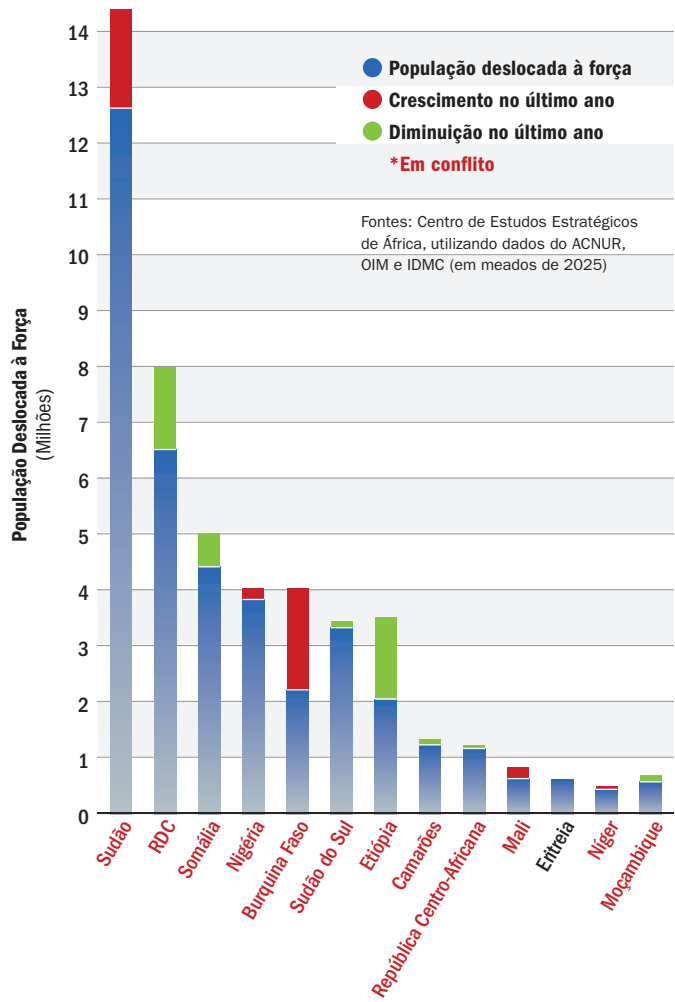


Um soldado ruandês observa pescadores em Mocimboa da Praia, província de Cabo Delgado, Moçambique. AFP/GETTY IMAGES



Uma mulher burquinabê que fugiu da sua aldeia devido à violência senta-se num abrigo num campo de deslocados em Dori, Burquina Faso. AFP/GETTY IMAGES

### Alterações na População Deslocada à Força em África



Fontes: Centro de Estudos Estratégicos de África, utilizando dados do ACNUR, OIM e IDMC (em meados de 2025)

e exploração de redes de tráfico ilícito, de acordo com um relatório de 2023 da Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional e do Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos.

O al-Shabaab é um dos principais angariadores de fundos para o terrorismo. Este arrecada milhões anualmente por meio de tributação em postos de controlo e empresas, em valores que, segundo a Critical Threats, rivalizam com as receitas oficiais do governo. A Global Initiative estima a receita anual do grupo em mais de 100 milhões de dólares.

O EI-Somália gerou pelo menos 100.000 dólares mensais através de esquemas de extorsão no norte da Somália e em Mogadíscio no início de 2023, informou a Organização das Nações Unidas. Em 2024, esse montante foi estimado em 360.000 dólares mensais devido a esquemas de extorsão e tributação. O grupo normalmente extorque dinheiro de importações, pecuária, agricultura e empresas locais.

O Boko Haram tem contado com sequestros para obter resgate, mas também tem explorado criptomoedas e outras tecnologias financeiras digitais para arrecadar dinheiro. O uso dessas plataformas anónimas e não regulamentadas permite que o grupo obtenha dinheiro de fontes locais e internacionais sem ser detectado.

### O CUSTO HUMANO DO TERRORISMO

A estatística mais devastadora sobre o terrorismo é o número de pessoas mortas ou feridas em ataques. Os grupos terroristas são responsáveis por mais de 150.000 mortes no continente na última década, com mais de 22.307 mortes relacionadas a esses grupos entre 1 de Julho de 2024 e 30 de Junho de 2025, de acordo com um relatório do Centro de Estudos Estratégicos de África. Esse número de mortes representa um aumento de 60% entre 2020 e 2022.

Quase metade de todas as mortes entre 2024 e 2025 ocorreram no Sahel. A Somália foi responsável por cerca de um terço das mortes nesse período. O Sahel, a Somália e a Bacia do Lago Chade foram responsáveis por 99% das mortes por terrorismo.

O terrorismo e a agitação social relacionada também levam as pessoas a abandonar as suas casas para fugir da violência e das ameaças. Em meados de 2025, Burquina Faso, Mali, Níger e Nigéria eram quatro dos únicos cinco países africanos que registaram um aumento no número de pessoas deslocadas no ano anterior. O Sudão, que se encontrava em plena guerra civil, foi o único outro país a registar um aumento, de acordo com o Centro. □

# ‘A UNIÃO FAZ A FORÇA’



O Major-General Peter Muteti chega para uma visita a Dhobley, na Somália, em 2023. ATMIS

## UMA CONVERSA COM

# O MAJOR-GENERAL PETER MUTETI,

### ANTIGO COMANDANTE-ADJUNTO DA FORÇA DA MISSÃO DE APOIO E ESTABILIZAÇÃO DA UNIÃO AFRICANA NA SOMÁLIA

*O Major-General Peter Muteti foi nomeado vice-comandante da força responsável pelo apoio e logística da Missão de Transição da União Africana na Somália (ATMIS) em 2023 e ocupou o mesmo cargo na Missão de Apoio e Estabilização da UA na Somália (AUSSOM) até Dezembro de 2025. Durante uma carreira de 39 anos nas Forças de Defesa do Quênia, desempenhou funções de liderança, incluindo a de chefe-adjunto das forças de defesa responsáveis pelo desenvolvimento das forças, eficácia operacional e desenvolvimento de políticas. Depois de ter sido nomeado para o Corpo de Infantaria, em 1988, ocupou cargos de comando e foi destacado para pontos críticos de segurança nas regiões norte, nordeste e costeira do Quênia. Ele serviu em missões de manutenção da paz na Serra Leoa e na Namíbia e recebeu prêmios que incluem o Prémio Presidencial Chefe da Lança Ardente por serviços prestados à nação. Ele planeia aposentar-se do serviço activo em 2026. Ele falou com a ADF durante o Silent Warrior 2025, um simpósio de segurança em Nairobi. Esta entrevista foi editada para maior clareza e concisão.*

**ADF:** O que o seu tempo na AUSSOM lhe ensinou sobre a importância da interoperabilidade entre os países contribuintes de tropas (TCCs)?

**Muteti:** Não se pode subestimar o valor da interoperabilidade. Todos os TCC e os contingentes provêm de culturas diferentes, são treinados com base em doutrinas diferentes e a língua também pode ser uma barreira. O objectivo final é cumprir o mandato da missão e garantir o sucesso da missão para permitir que as Forças de Defesa da Somália assumam a sua responsabilidade pela segurança. Ao trabalhar com os TCC, o que realmente aprendi é que é preciso muita paciência e que a união faz a força. Cada um dos TCC tem a sua singularidade em termos de antecedentes e cultura, modo de vida e interesses estratégicos nacionais, mas no final das contas percebi que a maior vantagem que temos é que a maioria dos contingentes opera de forma independente dentro do seu próprio sector, e a comunicação ocorre entre eles e o quartel-general. Em termos de integração para operações conjuntas com os somalis, sempre houve a necessidade de intérpretes que soubessem exactamente como eles operam. A sua forma de operar é diferente do modo convencional que todos nós



O Major-General Peter Muteti serviu como vice-comandante da Força da Missão de Apoio e Estabilização da União Africana na Somália.

SARGENTO DE ESTADO-MAIOR TRENTON JANCZE/  
FORÇA AÉREA DOS EUA

aprendemos, por isso, é necessário um esforço para garantir que haja um planeamento conjunto e que todos compreendam, quer se fale em Francês, Amárico, Inglês ou Somali. Leva tempo para alcançar a eficácia das operações conjuntas. Sem essa interoperabilidade, pode ser um problema.

**ADF:** Disse que as Forças de Operações Especiais Danab da Somália desempenham um papel importante nas operações de combate ao terrorismo. Como as viu evoluir durante o seu tempo na Somália?

**Muteti:** Já estou há três anos na Somália, o que é um pouco mais do que qualquer outro líder sénior na nossa missão específica. Durante o meu tempo aqui, testemunhei muitas operações conduzidas pela Força de Defesa da Somália. Os Danabs são uma força bastante especial entre os outros elementos das forças armadas somalis. Eles são treinados, orientados, apoiados logisticamente e também recebem apoio em termos de partilha de inteligência pelos americanos. É por isso que os Danabs se tornaram uma força de elite. Eles têm operado como parte da Força de Defesa da Somália e se tornaram tão críticos e vitais em operações



Muteti discursa durante uma cerimónia de entrega de medalhas às tropas ugandesas em Mogadíscio, Somália. FARDOSA HUSSEIN/ATMIS

## “ A AMBIÇÃO DA SOMÁLIA É GERAR TROPAS E GARANTIR QUE ELAS POSSAM ASSUMIR A RESPONSABILIDADE PELA SEGURANÇA ATÉ 2029 OU MESMO ANTES.”

ofensivas que se tornou necessário que todas as operações incluíssem um elemento dos Danabs. A única questão é que a brigada Danab é composta por apenas 2.000 pessoas, o que é pouco em comparação com o que deve ser feito para derrotar o al-Shabaab. Mesmo que fossem destacados por todo o país, estariam tão dispersos que a sua eficácia diminuiria. Mas têm feito bastante em termos de moldar operações e ajudar na libertação de territórios.

**ADF:** A estratégia tradicional de contra-insurgência é “limpar, manter e construir.” Mencionou que as forças somalis conseguiram eliminar os terroristas do al-Shabaab de certas regiões, mas o processo de manter o território e construir tem sido um desafio. O que acha que é necessário para concluir este processo e derrotar o al-Shabaab?

**Muteti:** Os somalis têm uma cultura de operações ofensivas. São móveis. Mas, quando fazem isso, percebe-se que não têm forças para manter o território e construir. A parte da construção não é liderada pela Somália; requer o apoio de parceiros internacionais. Mas, antes que a construção possa ocorrer, é necessário limpar e manter. E o elemento de manutenção tem sido difícil. Eles realizaram

operações ofensivas, mas não desbloquearam o potencial que poderia existir nas suas comunidades, nas suas forças de defesa comunitárias e nas forças que pertencem aos Estados-membros federais. Pode não ser um requisito imediato que a Força de Defesa da Somália seja suficientemente grande para realizar operações ofensivas, bem como manter o território e assim por diante. Mas há muitas forças diferentes na Somália e, no final das contas, o que eles podem querer fazer é integrá-las para garantir que esse potencial seja desbloqueado. Se isso acontecer, os clãs podem olhar além das suas milícias e ser capazes de cooperar e sinergizar com outras forças para que possam manter o território quando a ofensiva for concluída.

**ADF:** Como podem a Somália, a UA e outros parceiros internacionais trabalhar para dismantelar as redes que financiam o al-Shabaab?

**Muteti:** Penso que uma das coisas que o governo federal fez, para o seu crédito, foi adoptar uma abordagem multidimensional e abrangente de todo o governo. O al-Shabaab não pode ser derrotado apenas por meios militares. E penso que isso tem sido destacado na maioria das

“ACREDITO QUE TODAS ESTAS INSURGÊNCIAS TÊM AS SUAS CAUSAS PROFUNDAS. TEMOS DE COMPREENDER QUAIS SÃO, POIS MUITOS DOS GRUPOS INSURGENTES TÊM AMBIÇÕES POLÍTICAS E, NESSES CASOS, SÓ PODEM SER ELIMINADOS ATRAVÉS DO DIÁLOGO.”

resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Eles reconhecem a necessidade de usar outros meios, sejam eles políticos, econômicos ou diplomáticos. Há um grande esforço por parte dos parceiros internacionais e existe uma colaboração estreita. Recentemente, promulgaram legislação para congelar todo o financiamento ao al-Shabaab. Não sei quão eficaz tem sido, mas pelo menos há um esforço para congelar o financiamento. Se isso tiver impacto, pelo menos podemos isolar o que vem de fora e, dentro da Somália, usar operações conjuntas para limitar a cobrança de impostos pelo al-Shabaab. Uma boa parte das receitas do al-Shabaab provém dos impostos que cobram nas auto-estradas ou que impõem às comunidades.

**ADF:** Quão perto estão o Exército Nacional da Somália e outras forças de segurança somalis de estarem prontos para assumir todas as responsabilidades de segurança e permitir a saída da AUSSOM?

**Muteti:** O prazo para a AUSSOM é de 2025 a 2029, o que dá aos somalis tempo para desenvolverem a sua própria capacidade de assumir a responsabilidade pela segurança.

Sei que, politicamente, eles fizeram progressos e estão a envolver parceiros internacionais e regionais — estão activos em todos os fóruns. Em termos de segurança, trata-se de implementar o Plano de Desenvolvimento da Segurança da Somália, que inclui etapas para a geração de forças e o apoio de parceiros internacionais. No final das contas, a ambição da Somália é gerar tropas e garantir que elas possam assumir a responsabilidade pela segurança até 2029 ou mesmo antes.

**ADF:** Fora da Somália, há uma série de insurgências persistentes em locais como o Sahel, a Bacia do Lago Chade e Moçambique. O que acha que é necessário para acabar com estas insurgências? É necessária mais cooperação regional?

**Muteti:** Há pontos alguns críticos. Acredito que todas essas insurgências têm as suas causas profundas. Temos de compreender quais são, pois muitos dos grupos insurgentes têm ambições políticas e, nesses casos, só podem ser eliminados através do diálogo. Temos de garantir que, a nível regional, haja mais compromisso político e diálogo.



Soldados do Exército Nacional da Somália inspecionam um lançador de morteiros na cidade de Awdheegle, na região de Lower Shabelle, na Somália.

AUSSOM

“

A SEGURANÇA É A BASE DO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÓMICO. SEM SEGURANÇA, NÃO SE PODE REALMENTE FALAR SOBRE OS AVANÇOS QUE SE DESEJA ALCANÇAR EM TERMOS DE CRESCIMENTO ECONÓMICO E DESENVOLVIMENTO.”





Agentes da polícia a servir na AUSSOM montam uma guarda numa rua para reforçar a segurança durante o Ramadan em Mogadíscio, em Março de 2025. FARDOSA HUSSEIN/AUSSOM

Tal como o al-Shabaab não pode ser derrotado apenas por meios militares, o mesmo se aplica à Bacia do Lago Chade, ao Sahel e a Moçambique.

**ADF:** Teve uma carreira ao serviço da sua nação e de todo o continente em missões de manutenção da paz e outras funções importantes. Ao olhar para trás, o que espera ter conseguido durante a sua carreira?

**Muteti:** Quando entrei, o meu juramento foi para a defesa da nossa república. Isso motivou o meu serviço ao longo de 39 anos. O Quênia ainda está seguro, pelo menos de fontes externas. Talvez não estejamos tão seguros contra o terrorismo, porque ele é de natureza transfronteiriça e continua a ser uma das ameaças mais prementes. Ao olhar para trás, acho que sim, a minha contribuição para a nação não foi em vão. Fui destacado para várias missões e contribuí para o desenvolvimento de capacidades de liderança como formador e como comandante, desenvolvendo as capacidades das tropas para sair e realizar operações. Estive lá como soldado da paz e tenho orgulho de estar associado à paz na Serra Leoa. Também participei na missão na Namíbia e fico feliz hoje quando encontro oficiais da Namíbia e eles olham para trás e dizem: “Estamos gratos pela contribuição do Quênia.” Tenho orgulho de ver o Quênia onde está

em termos de segurança e tenho orgulho do que posso ter contribuído em África e no mundo.

**ADF:** Quais são os maiores desafios de segurança que o Quênia e a região da África Oriental ainda enfrentam e quais são as suas esperanças para que estes possam ser superados?

**Muteti:** A segurança é a base do desenvolvimento socioeconómico. Sem segurança, não se pode realmente falar dos avanços que se querem fazer em termos de crescimento económico e desenvolvimento. Portanto, quando olho para a região, sei que ela está conturbada, particularmente o Corno de África e o Sudão. De um modo geral, a maioria dos problemas parece estar relacionada ao desenvolvimento democrático. O Quênia fez alguns avanços em termos de democracia. Somos capazes de nos acomodar uns aos outros, e a constituição é a base do país. Gostaria de ver uma região estável, porque o mundo não vai esperar por nós enquanto continuarmos a ter inseguranças e assim por diante. Gostaria de ver uma região segura para se viver, que esteja em paz consigo mesma e que seja competitiva com o mundo internacional. Essa é a aspiração pela qual as gerações futuras irão julgar a geração actual. Eles perguntarão: “O que vocês fizeram?” e “Como vocês se prepararam para o futuro?” Portanto, quando olho para a região, gostaria de ver uma Somália estável, uma Etiópia estável, um Sudão estável, um Sudão do Sul estável e um Quênia estável, que possam colaborar em questões de desenvolvimento socioeconómico. □

---

Soldados ugandeses a servir na AUSSOM participam numa cerimónia no Quartel-General da Força em Mogadíscio.

STEVEN CANDIA/AUSSOM

# A MOEDA DO **TERROR**



**Terroristas de Todo o Continente Exploram  
Práticas Antigas e Novas Tecnologias para  
Financiar as suas Operações**

**O**s terroristas do grupo Estado Islâmico escondem-se nas montanhas Cal Miskaad, na região da Puntlândia, no norte da Somália. A partir dessas cabanas, escavadas em rochas e terra, os combatentes montaram acampamentos fortificados para atacar as forças de segurança locais.

O ambiente rústico também esconde a capacidade do grupo para financiar e angariar fundos para o terrorismo internacional. Uma facção do grupo Estado Islâmico (IS) que outrora aceitava dinheiro do Iraque e da Síria agora recolhe e distribui enormes somas de dinheiro por todo o continente e além. As autoridades rastream fundos que fluíram da Somália para a República Democrática do Congo, África do Sul e Uganda.

O dinheiro que chegou à África do Sul foi encaminhado para o Quênia, Moçambique, a Tanzânia e os Emirados Árabes Unidos, informou o jornal *The Washington Post*.

O EI-Somália transfere dinheiro, muitas vezes, através de dispositivos móveis, para apoiar o terrorismo em toda a África, anunciaram as autoridades do Departamento do Tesouro dos EUA em 2023. A filial angaria a maior parte do seu dinheiro extorquindo “instituições financeiras, prestadores de serviços de dinheiro móvel e outras empresas locais” na área do porto de Bosaso, na Puntlândia. Ele movimenta o dinheiro por meio de transferências em dinheiro e o lava em empresas, bancos e por meio de transferências de pessoa para pessoa, conhecidas como hawala. O EI-Somália arrecadou cerca de 2 milhões de dólares por meio de esquemas de extorsão, importações, pecuária e agricultura no primeiro semestre de 2022.

As táticas financeiras do EI-Somália representam uma amostra dos métodos que os grupos terroristas utilizam em toda a África. Extorsões, roubo de gado, tributação ilegal, sequestros para obtenção de resgate, exploração de minas de ouro, esquemas de criptomoedas e muito mais financiam ataques no país e acções em todo o mundo.

As táticas reforçam os terroristas na Somália e em Moçambique contra a acção militar multinacional. No Sahel, na África Ocidental, grupos alinhados com a al-Qaeda e o IS avançam sem grande impedimento no Burquina Faso, no Mali e no Níger, enquanto exploram a mineração artesanal de ouro, os mercados de gado e muito mais, no seu desejo de invadir os países costeiros. O Boko Haram e a Província do IS na África Ocidental (ISWAP) na Bacia do Lago Chade partilham algumas táticas, se não os objectivos, dos militantes do Sahel.

### OURO, GADO E PESSOAS

O Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM), ligado à al-Qaeda, que se está a espalhar pelo Burquina Faso e Mali, aproveita várias fontes de financiamento para financiar as suas operações.

O ouro é uma dessas fontes. As minas artesanais pontilham a paisagem em ambos os países, e as suas operações informais e supervisão frouxa tornam-nas propícias à exploração. Nas áreas onde o JNIM está activo, essas minas geram mais de 30 bilhões de dólares por ano, de acordo com um relatório de Maio de 2025 publicado no *The Conversation* pelos investigadores Egodi Uchendu e Muhammed Sani Dangusau.

“Os jihadistas obtêm acesso ao ouro controlando os locais de mineração e as rotas de transporte de e para as minas,” escreveram. “Por vezes, permitem que aliados de confiança, incluindo grupos armados locais, bandidos e outras redes criminosas, explorem as minas em troca de um pagamento.”

Não está claro quanto dinheiro o JNIM ganha com as minas, mas um relatório da Reuters de 2019 indicou que as minas em áreas próximas aos ataques produziam 727 quilogramas de ouro por ano, avaliados em 34 milhões de dólares. Desde então, a influência do JNIM se espalhou consideravelmente e os preços do ouro mais do que triplicaram.



O esquema tributário do al-Shabaab rouba rendimentos de pessoas e empresas para financiar o terrorismo do grupo. REUTERS



Compradores e vendedores encontram-se num mercado de gado em Bamako, Mali. Grupos terroristas exploram estes mercados para vender gado roubado. NICOLAS REMENE VIA REUTERS CONNECT

# AL-SHABAAB CONTINUA A SER UM GIGANTE EM ANGARIAÇÃO DE FUNDOS

EQUIPA DA ADF

Apesar de anos de reveses militares e territoriais às mãos das forças da União Africana, o al-Shabaab da Somália continua resiliente graças às suas extensas capacidades de angariação de fundos, de acordo com o Centro de Estudos Estratégicos de África.

Funcionários do Departamento do Tesouro dos EUA estimaram que o grupo terrorista ligado à al-Qaeda angaria cerca de 100 milhões de dólares por ano. Esse montante é superior a um quarto dos 369,4 milhões de dólares de receitas do governo somali em 2024.

O al-Shabaab tem utilizado “um sistema altamente centralizado de extorsão nos portos de entrada e estradas há quase duas décadas, principalmente no território que controla nas regiões sul e centro-sul do país,” Wendy Williams, investigadora associada, escreveu num relatório do Centro de África em 2023. “Os seus agentes possuem um registo dos bens dos cidadãos com o objectivo de cobrar um imposto anual de 2,5% chamado ‘zakat.’” Os terroristas impõem o processo “através de intimidação e violência sistemáticas.”

O grupo investe em terrenos e pequenas e médias empresas fora das áreas que controla e tem alavancado a influência do governo através da corrupção e dos líderes dos clãs. “Através destes esforços de infiltração, cooptação e uso da violência, o al-Shabaab estabeleceu eficazmente a percepção de omnipresença e intimidação típica de uma organização mafiosa.”

A maioria das transacções do al-Shabaab são feitas em dinheiro ou através de transferências móveis. O governo elaborou regulamentos para o dinheiro móvel e tem como alvo os postos de controlo fiscal, mas é preciso fazer mais, escreveu Williams. Ou seja, a Somália precisará de profissionalizar ainda mais “as entidades responsáveis pelas funções financeiras, de inteligência e judiciais, que estão na vanguarda do combate ao financiamento e ao branqueamento de capitais do al-Shabaab.”

O JNIM e o Estado Islâmico na Província do Sahel (ISSP) também entraram nos mercados regionais de gado, gerando uma renda estável para comprar armas e financiar operações, de acordo com a Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional. O JNIM normalmente saqueia gado ao atacar aldeias ou cobra impostos aos pastores nas áreas que controla. Canaliza o gado roubado para mercados que operam ao longo da região da tríplice fronteira entre Burquina Faso, Costa do Marfim e Gana, onde os bens são lavados.

“Através de uma complexa cadeia de intermediários, o gado roubado é vendido nos principais mercados regionais de gado da região ou em pequenos mercados negros, antes de ser levado para o sul, para grandes mercados de consumo,” relata a Iniciativa Global. Os terroristas podem roubar gado e vendê-lo com descontos a comerciantes ganeses e costa-marfinenses, que depois o revendem pelo preço total de mercado. Os lucros brutos podem chegar a mais de 450 dólares por cabeça.



A Interpol e outras autoridades apreenderam dinheiro no valor de mais de 500.000 dólares em Angola durante a Operação Catalyst.

INTERPOL

Os terroristas do Sahel também usam o gado de maneiras que não envolvem dinheiro. “Ao se integrarem na economia pecuária e protegerem as comunidades de pastores em áreas onde exercem influência significativa, esses grupos também ganham legitimidade, construindo apoio popular,” disse a iniciativa.

O sequestro para obtenção de resgate é comum na Nigéria. Um relatório de 27 de Agosto de 2025 da SBM Intelligence, uma empresa nigeriana de pesquisa geopolítica, indicou que, entre Julho de 2024 e Junho de 2025, terroristas e criminosos sequestraram pelo menos 4.722 pessoas em 997 incidentes na Nigéria. Dessas, 762 foram mortas e os sequestradores receberam cerca de 1,66 milhões de dólares em pagamentos de resgate.

A maior percentagem de incidentes ocorreu no noroeste, onde os bandidos agem livremente. No entanto, no nordeste, onde o Boko Haram e o ISWAP estão mais activos, o resgate de um juiz rendeu cerca de 500.000 dólares para um grupo ligado ao Boko Haram. “A participação de grupos islâmicos na economia do sequestro está

a crescer, com os rendimentos alimentando a logística da insurgência,” lê-se no relatório.

“As consequências macroeconómicas e sociais são graves,” informou a SBM Intelligence. “A insegurança reduz a produção agrícola, agrava a inflação dos alimentos e as deslocações e continua a perturbar a escolaridade, apesar da diminuição dos ataques em massa às escolas. As empresas mudam-se ou reduzem as suas operações devido aos riscos de extorsão.”

No Burkina Faso, no Mali e no Níger, os sequestros para obtenção de resgate diminuíram constantemente entre 2021 e 2024, antes de uma onda de sequestros ter como alvo cidadãos estrangeiros no início de 2025, de acordo com o Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos (ACLED). No início de 2025, o ISSP conduziu ou patrocinou o sequestro de seis cidadãos estrangeiros, incluindo uma mulher austríaca em Agadez, Níger, e quatro motoristas de camião marroquinos no Burkina Faso. “Actualmente, essa mudança parece ser motivada pela necessidade de recursos do grupo, dado que os estrangeiros exigem resgates mais altos do que os sequestrados locais,” de acordo com o ACLED.

O JNIM utiliza o sequestro como uma ferramenta estratégica. Depois de se mudar para uma nova área, o JNIM usa sequestros para intimidar os residentes locais e reunir informações. Quando o grupo se estabelece na área, o sequestro torna-se uma forma de recrutar à força jovens e trabalhadores qualificados, como médicos e enfermeiros. As exigências de resgate continuam, mas não são tão predominantes como nos anos anteriores.

“Quando o JNIM se infiltra pela primeira vez numa comunidade, o número de raptos aumenta,” de acordo com um artigo de 2023 para o ENACT Observer, da analista Flore Berger. “O grupo tem como alvo qualquer pessoa associada ou que represente as autoridades e quaisquer figuras locais influentes. O objectivo dos sequestros, nesse momento, é intimidar os residentes locais, recolher dados e diminuir o número de pessoas que poderiam ameaçar o seu estabelecimento naquela área — seja fazendo com que elas saiam da zona ou conquistando-as.”

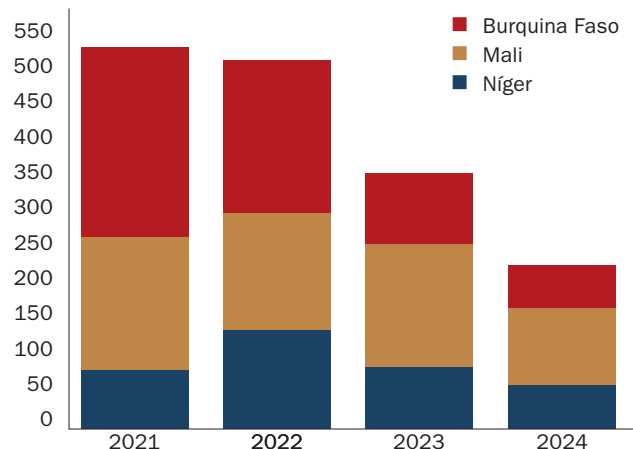
## EXPLORAÇÃO DA TECNOLOGIA

Com o aumento da conectividade à internet em África, os grupos terroristas incorporaram prontamente novas tecnologias para recrutar, espalhar informações falsas e angariar e transferir dinheiro.

As criptomoedas oferecem uma nova via para os terroristas transferirem dinheiro, e alguns grupos do EI estão entre aqueles que as utilizam. No entanto, o EI ainda depende fortemente de transportadores de dinheiro mais tradicionais e redes hawala, de acordo com um artigo de 2024 para o Centro de Combate ao Terrorismo de West Point, escrito por Jessica Davis, especialista em terrorismo e presidente da Insight Threat Intelligence. “Esta diversificação de métodos demonstra que o Estado Islâmico é agnóstico em termos de mecanismos: o grupo e os seus apoiantes utilizarão qualquer mecanismo de transferência

## Sequestros no Burkina Faso, Mali e Níger

Os sequestros diminuíram constantemente no Sahel entre 2021 e 2024.



Fonte: Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos

de fundos que seja mais rápido, mais barato e menos susceptível de ser detectado e interrompido.”

A utilização de criptomoedas varia entre as diferentes regiões. Os grupos do EI na RDC, Moçambique e Nigéria têm utilizado poucas ou nenhuma criptomoedas. “Na Nigéria, isso é contra-intuitivo, já que o país ocupa o segundo lugar no mundo em adopção de criptomoedas,” escreveu Davis. “Por causa disso, seria de se esperar um maior uso de criptomoedas pelo ISWAP. No entanto, como o ISWAP está concentrado regionalmente e grande parte da sua geração de receita é feita em dinheiro (por meio de tributação e extorsão), é lógico que ele tenha pouco uso para criptomoedas.”

O Boko Haram, no entanto, usa criptomoedas e outras tecnologias financeiras digitais a seu favor, de acordo com o investigador Oge Samuel Okonkwo.

“O Boko Haram aproveita a natureza descentralizada das criptomoedas para financiar as suas operações de baixo custo, mas mortíferas, incluindo armas e logística,” Okonkwo escreveu para o site Medium em Abril de 2025. Usando plataformas ponto a ponto anónimas e não regulamentadas, o Boko Haram pode “receber fundos de fontes locais e internacionais sem ser detectado, ressaltando a necessidade de intervenções direccionadas que preservem a inovação e, ao mesmo tempo, aumentem a segurança.”

A Nigéria deve actualizar as regulamentações sobre branqueamento de capitais e financiamento do terrorismo, escreveu Okonkwo. A análise de blockchain e o monitoramento de transacções ponto a ponto podem ajudar a identificar e bloquear transacções suspeitas. Visto que o Boko Haram e as suas fontes de financiamento atravessam fronteiras, as autoridades nigerianas terão de partilhar informações com outros países da Bacia do Lago Chade e agências internacionais, como a Interpol. Para diminuir

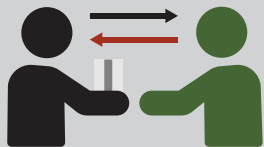
# HAWALA: COMO FUNCIONA?

Hawala, que significa “confiança” em Árabe, é um antigo sistema de transferência de dinheiro que teve início na Índia do século VIII. É uma forma rápida de transferir dinheiro internacionalmente, mas também permite que terroristas enviem fundos sem serem detectados. O processo consiste em quatro etapas principais:

→ = Dinheiro  
→ = Código

## 1º PASSO

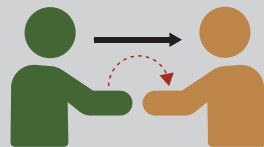
Um remetente entrega o dinheiro a um corrector, chamado hawaladar, que fornece um código ao remetente.



Sender Hawaladar A

## 2º PASSO

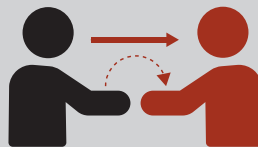
O hawaladar A informa ao seu homólogo no local do destinatário quanto dinheiro recebeu.



Hawaladar A Hawaladar B

## 3º PASSO

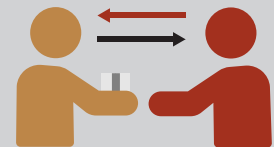
O remetente partilha o seu código com o destinatário pretendido e informa quanto dinheiro foi entregue.



Sender Recipient

## 4º PASSO

O destinatário fornece o código ao hawaladar B, que entrega o dinheiro, deduzindo uma taxa. Os dois agentes hawala liquidam as suas contas separadamente.



Hawaladar B Recipient

Às vezes, a transacção pode ser concluída em poucas horas, o que é mais rápido do que os serviços bancários convencionais.

Isso ajuda as pessoas que não têm acesso a bancos, mas não deixa rastros electrónicos ou em papel. Isso torna o sistema atraente para terroristas e criminosos que desejam manter as transacções em segredo e livres de medidas regulatórias.

Grupos terroristas proeminentes, como o al-Shabaab e o

Estado Islâmico na Somália, têm usado redes hawala para arrecadar fundos. Acredita-se que os financiadores do El-Somália em Djibouti, Etiópia, Europa e Somália tenham lavado milhões de dólares através de uma aplicação hawala chamada Sifalo Pay em menos de seis meses, de acordo com a página da internet de notícias Horn Observer.

Fontes: Grupo de Acção Financeira Internacional, Interpol



Os cambistas envolvem-se no hawala, um sistema informal de remessas.

MARCUS YAM/LOS ANGELES TIMES

o apelo dos esquemas de criptomoedas nas economias informais, o governo terá de investir em “educação e inclusão financeira” para reduzir o uso de plataformas não regulamentadas.

### LIGAÇÕES A REDES CRIMINOSAS

Os grupos terroristas de África, muitas vezes, operam em regiões junto com redes criminosas de tráfico. Os terroristas também se dedicam a práticas comuns às organizações criminosas, como esquemas de extorsão que impõem impostos sobre a circulação e o comércio. O grupo somali al-Shabaab, alinhado à al-Qaeda, é conhecido pelo dinheiro que arrecada — estimado em 100 milhões de dólares anualmente — por meio desses e de outros meios.

Pode ser difícil rastrear a interação multidimensional entre redes criminosas e terroristas. Os traficantes podem ser locais ou internacionais, e os grupos terroristas tendem a explorar oportunisticamente o financiamento e os recursos disponíveis. E o tráfico é apenas uma das muitas actividades criminosas em regiões onde os grupos terroristas dominam.

A Dra. Daisy C. Muibu, professora assistente de estudos de segurança no Centro de Estudos Estratégicos de África, concorda que, em geral, os terroristas tendem a participar oportunisticamente em vários mercados criminosos. Essa participação pode variar significativamente de local para local, dependendo da dinâmica local e da influência do grupo.

No Sahel e na Bacia do Lago Chade, parece provável que os terroristas inicialmente tenham tirado vantagem das organizações criminosas já activas na área, através de uma “união de conveniência” para apoiar as suas acções desde o início, considerou.

Da mesma forma, os terroristas em Moçambique aproveitaram as redes criminosas para “obter recursos financeiros para funcionar,” explicou. “Portanto, depende de onde se está a falar, de que tipo de mercado criminoso se está a discutir e, por último, de que organização se está a falar.”

Lidar com todas estas variáveis num vasto continente com tantos grupos terroristas com motivos diferentes é um enorme desafio, afirmou Muibu. Melhorar a coordenação entre entidades governamentais, nações e grupos e líderes locais será fundamental.

A Afripol e a Interpol têm trabalhado bem em conjunto e com nações individuais, afirmou Muibu.

De Julho a Setembro de 2025, a Operação Catalyst teve como alvo o financiamento do terrorismo e crimes relacionados, o que resultou em 83 prisões. Dessas, 21 foram por crimes relacionados ao terrorismo, 28 por branqueamento de capitais e fraude financeira, 16 relacionadas a golpes online e 18 por acusações de uso indevido de activos virtuais.

As autoridades de vários países examinaram 15.000 pessoas e entidades e descobriram 260 milhões de dólares em moedas oficiais e virtuais com possíveis ligações ao terrorismo. Os investigadores apreenderam cerca de 600.000 dólares até Outubro de 2025.



Os terroristas do Sahel, muitas vezes, exploram minas de ouro artesanais, como esta no Burkina Faso. AFP/GETTY IMAGES

“Combater o financiamento do terrorismo é particularmente complexo para as autoridades policiais, dado que muitas vezes envolve diversas actividades criminosas, incluindo fraude, sequestro para obtenção de resgate, comércio ilícito, golpes online, esquemas Ponzi e uso indevido de activos virtuais,” de acordo com a Interpol. “Essas actividades ilegais podem estar ligadas ao financiamento do terrorismo directamente — quando grupos terroristas recebem fundos desses esquemas — ou indirectamente, por meio de branqueamento de capitais ou redes intermédias. Estas ligações destacam como diferentes formas de crime estão cada vez mais interligadas, sublinhando a necessidade de uma resposta unida e coordenada.”

Angola, Camarões, Quénia, Namíbia, Nigéria e Sudão do Sul participaram com a Interpol e a Afripol. Em Angola, as autoridades prenderam 25 pessoas de vários países numa operação de financiamento do terrorismo e branqueamento de capitais. No Quénia, duas pessoas foram acusadas de recrutar e radicalizar pessoas com dinheiro proveniente da Tanzânia e obtido através de uma plataforma de criptomoedas.

Uma operação fraudulenta de investimento em criptomoedas enganou mais de 100.000 pessoas em 17 países em todo o mundo, num valor estimado de 562 milhões de dólares. Os investigadores descobriram que parte desse dinheiro foi possivelmente utilizado para financiar o terrorismo.

“O sucesso da Operação Catalyst reside na sinergia e convergência de esforços entre as unidades nacionais que combatem o crime financeiro, o crime cibernético e o terrorismo,” Jalel Chelba, director-executivo da Afripol, disse num comunicado. “Este esforço conjunto, dedicado a interromper o financiamento do terrorismo em todo o continente africano, ilustra como a acção coordenada entre os Estados-membros, facilitada pela AFRIPOL e pela INTERPOL, pode abordar de forma eficaz as ameaças de segurança complexas e em evolução. Essa cooperação é uma prova tangível de que a comunidade policial africana, quando unida, oferece uma resposta decisiva e adequada na busca por uma África segura e estável.” □

---

# ‘EMP DO MERCADO NEGRO’ ALIMENTAM O CONFLITO

---

EQUIPA DA ADF

---



# Grupos Estrangeiros Estão a Treinar, Aconselhar e Armar Terroristas do Continente

**H**á décadas que os governos africanos lutam contra os efeitos destabilizadores das empresas militares privadas (EMP), mercenários e grupos paramilitares, que são pagos para proteger líderes ou lutar ao lado das forças governamentais em zonas de conflito —, muitas vezes, sem ter em conta as populações locais.

Mercenários como o Africa Corps da Rússia, anteriormente Grupo Wagner, são acusados de cometer atrocidades contra civis na República Centro-Africana, Líbia, Mali, Moçambique e Sudão. Estas tropas veteranas lutam e divulgam a agenda geopolítica do Kremlin em troca de remuneração. No entanto, uma nova reviravolta na guerra contra o terrorismo no continente está a surgir, à medida que terroristas estrangeiros experientes oferecem os seus serviços a insurgentes, muitas vezes, por razões ideológicas.

Aries D. Russell, da Aries Intelligence, com sede em Londres, caracterizou essas organizações, sobretudo aquelas treinadas no Iraque e na Síria, como “EMP do mercado negro.” Eles têm girado entre conflitos terroristas no Corno de África e no Sahel.

Esses grupos são “entidades organizadas e operacionais que oferecem serviços de estilo militar — treino, aconselhamento, apoio tático — a grupos jihadistas, mesmo que tenham uma estrutura informal ou uma

administração flexível,” Russell disse à ADF. “Embora esses grupos sejam ideológicos e interligados, em vez de corporações que maximizam lucros no sentido ocidental, eles se comportam como contratados ou subcontratados num ecossistema militante. Estes diferem dos mercenários convencionais na sua orientação ideológica e transaccional. Nem sempre lutam puramente por dinheiro.”

## A LIGAÇÃO ENTRE O AL-SHABAAB E OS HOUTIS

Os laços entre os rebeldes Houthis do Iémen, apoiados pelo Irão, e o al-Shabaab, o grupo terrorista que controla áreas no centro e sul da Somália, exemplificam esta



Combatentes rebeldes Houthis empunham armas e lança-foguetes durante uma celebração.

IMAGO/HAMZA ALI VIA REUTERS CONNECT

tendência. Em 2024, os Houthis concordaram em fornecer armas e assistência técnica ao al-Shabaab em troca do aumento da pirataria e dos sequestros para obtenção de resgate no Golfo de Áden e na costa da Somália, que estão entre as rotas marítimas mais movimentadas do mundo.

Os Houthis intensificaram os ataques a navios que transitavam pelo Mar Vermelho em resposta à guerra de Israel contra o Hamas, que começou em Outubro de 2023. Isso chamou a atenção dos recursos navais internacionais de combate à pirataria destacados na região e serviu como uma distração, permitindo que os piratas somalis voltassem ao activo. Em 2024, o al-Shabaab chegou a um acordo para fornecer protecção aos piratas somalis em troca de 30% de todos os rendimentos dos resgates e uma parte de qualquer saque. O caos instalou-se.

Após um período de seis anos sem grandes ataques piratas somalis, mais de 20 ataques foram registados entre Novembro de 2023 e Abril de 2024, embora o número tenha caído para três no primeiro semestre de 2025. Dois membros de gangues somalis disseram que estavam a aproveitar a distração dos Houthis para voltar à pirataria.

“Eles aproveitaram esta oportunidade porque as forças navais internacionais que operam ao largo da costa da Somália reduziram as suas operações,” um financiador pirata que usa o pseudónimo Ismail Isse disse à Reuters.

Como observou Russell, os Houthis receberam treino militar avançado no Irão, Iraque e Líbano, onde adquiriram competências como montagem de mísseis e coordenação de drones. Observou que eles passam esse

conhecimento para o al-Shabaab e o Estado Islâmico na Somália (ISSOM), que opera principalmente em áreas montanhosas na região semiautónoma da Puntlândia.

Os combatentes do al-Shabaab também viajaram para portos controlados pelos Houthis no Iémen, onde instrutores do Hezbollah e dos Houthis os introduziram ao uso de drones, coordenação de mísseis e técnicas de guerra assimétrica.

“Esta difusão ajuda a explicar por que razão as táticas insurgentes do Médio Oriente são cada vez mais vistas em África e noutros locais,” escreveu Russell.

Os Houthis fornecem aos terroristas drones armados, mísseis terra-ar e outros materiais que foram rastreados até aos arsenais iranianos. O Irão fornece estas armas, o que viola o embargo de armas das Nações Unidas ao Iémen. Em Janeiro de 2025, o ISSOM lançou dois ataques com drones contra as forças de segurança da Puntlândia. Esta foi a primeira utilização conhecida da tecnologia pelo grupo, de acordo com o Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos.

“A adopção desta tecnologia por um grupo terrorista significa que as ideias se proliferarão na região e serão adoptadas por outros, mesmo que não existam ligações directas entre esses grupos,” Taimur Khan, da organização Conflict Armament Research, disse à página da internet de notícias somali Hiiraan Online.

---

Combatentes rebeldes treinam na Síria. GETTY IMAGES





Soldados do Exército Nacional da Somália levantam as suas armas durante uma palestra de oficiais superiores visitantes em Awdheegle, uma das várias cidades libertadas de militantes ligados à al-Qaeda.

AFP/GETTY IMAGES

### ‘NOVA FRONTEIRA NA COLABORAÇÃO INSURGENTE’

Em Julho de 2025, os Houthis utilizaram mísseis de longo alcance, drones suicidas, drones navais carregados de explosivos e barcos de ataque rápido num ataque sofisticado contra navios comerciais. De acordo com Russell, a complexidade e coordenação da operação sugerem que parceiros regionais, incluindo o al-Shabaab, podem ter ajudado com vigilância, dados de alvos ou coordenação de ataques marítimos.

“Esta troca transaccional, habilidades de combate trocadas por acesso ou logística, representa uma nova fronteira na colaboração insurgente,” escreveu Russell. “O que começou como um investimento iraniano num representante iemenita está agora a influenciar conflitos a centenas de quilómetros de distância.”

O al-Shabaab e os Houthis formaram uma aliança apesar das suas diferentes posições religiosas e políticas. Os membros do al-Shabaab seguem o Islão sunita e estão filiados na al-Qaeda. Os Houthis são xiitas, tal como os iranianos. Analistas da Fundação Carnegie para a Paz Internacional alertaram que os laços entre os Houthis e o al-Shabaab conferem ao Irão “profundidade estratégica,” ao mesmo tempo que desestabilizam a África Oriental, ameaçando o Djibouti, a Etiópia e o Quênia. Contrabandistas da Somália e do norte do Quênia também

oferecem aos Houthis maiores oportunidades de enviar armas para fora do Oceano Índico ou por terra para o Golfo de Áden.

Russell disse que o modelo jihadista de EMP poderia ser replicado na Líbia, em torno do Corno de África, em todo o Sahel e na África Ocidental.

“As condições de mercado existem: fronteiras porosas, procura jihadista enraizada, drones COTS [comerciais prontos a usar] baratos e formação monetizável,” disse à ADF. “Espere crescimento onde quer que haja acesso a infra-estruturas de contrabando e alinhamento ideológico ou transaccional.”

### A LIGAÇÃO ENTRE TURQUIA E SÍRIA

Combatentes sírios afiliados ao Exército Nacional Sírio (SNA), uma coligação de grupos armados da oposição que trabalha em estreita colaboração com a Turquia no norte da Síria, têm sido contratados nos últimos anos para lutar e garantir a segurança no Burquina Faso, no Níger e na Nigéria. Alguns desses combatentes, mas não todos, são jihadistas. Um combatente do SNA que usa o pseudónimo Deyri disse ao meio de comunicação Middle East Eye (MEE) que os recrutados operam em grupos, e não individualmente.

“O comando não está nas mãos dos sírios,” Deyri disse ao MEE. “Às vezes, alistamo-nos para proteger empresas turcas, outras vezes, para combater o Estado Islâmico e, outras ainda, para guarnecer minas ou fábricas.”

A maioria desses combatentes teria sido recrutada pela SADAT International Defense Consultancy, uma empresa militar privada turca, embora a SADAT negue

isso. De acordo com o MEE, os sírios assinam contratos de seis meses a um ano e recebem 1.500 dólares por mês. Alguns dos combatentes disseram que concordaram em trabalhar como mercenários em África, devido ao alto desemprego no norte da Síria, causado pela longa guerra civil no país.

“A principal razão pela qual parti foi porque a vida é difícil na Síria,” Omar, um jovem combatente sírio no Níger, disse à Agence France-Presse. No norte da Síria, “não há oportunidades de emprego além de se juntar a uma facção armada e ganhar não mais do que 1.500 liras turcas (46 dólares) por mês.”

O Observatório Sírio dos Direitos Humanos e amigos de mercenários que trabalharam no Níger disseram à BBC que os sírios acabaram sob o comando russo a lutar nas zonas fronteiriças entre o Burquina Faso, o Mali e o Níger.

A vida como combatente estrangeiro na região do Sahel é difícil. Os seus telemóveis são confiscados à chegada. Um combatente sírio disse que eles podem contactar as suas famílias uma vez a cada duas semanas, ou menos, e que as suas comunicações devem passar pelos seus superiores nigerinos.

De acordo com o site de notícias Nordic Monitor, a Turquia transportou milhares de combatentes jihadistas sírios para a Líbia para reforçar as facções apoiadas pela Turquia. A MIT, a agência de inteligência da Turquia, ficou responsável pelo processo de



**Esquerda:** Fumo sobe de um petroleiro grego atacado por rebeldes Houthis no Mar Vermelho. REUTERS

**Escombros** cobrem as ruas após um ataque do al-Shabaab a um hotel em Mogadíscio, na Somália. GETTY IMAGES





Suspeitos de pirataria somalis detidos na Índia aguardam transferência para a custódia policial. AFP/GETTY IMAGES

verificação e selecção dos combatentes. O Nordic afirmou que a MIT colabora com grupos jihadistas na Síria desde 2011.

#### **‘A PRIMEIRA EMP JIHADISTA DO MUNDO’**

Russell atribuiu o aumento das EMP no mercado negro à Malhama Tactical, uma organização sediada na Síria fundada por veteranos uzbeques ligados a afiliados da al-Qaeda. Conhecida como “a primeira EMP jihadista do mundo,” a Malhama Tactical opera como uma unidade independente de operações especiais jihadistas. Fundada em 2016, treinou militantes da Jabhat Fateh al-Sham e outras facções insurgentes, combinando experiência na linha da frente com uma presença sofisticada nas redes sociais para publicitar os seus serviços.

Conhecida por ser bem treinada e bem equipada, a Malhama Tactical criou um precedente que foi seguido por unidades como a Muhojir Tactical, composta principalmente por combatentes uzbeques, chechenos e outros da Ásia Central; a Yurtugh Tactical, uma EMP jihadista liderada por uigures; e o grupo jihadista Albanian Tactical, todos operando na Síria. Os grupos mais recentes profissionalizaram o modelo da Malhama Tactical,

oferecendo instrução em tiro de precisão e combate corpo a corpo, além de treino em operações nocturnas, medicina de trauma e guerra com drones.

Esses grupos treinam juntos, “criando uma rede transnacional de instrutores de operações especiais jihadistas,” escreveu Russell. “As suas táticas agora circulam não apenas nos campos de batalha, mas também em ecossistemas digitais, Telegram, Instagram e fóruns fechados, onde vídeos instrutivos funcionam como ferramentas de propaganda e recrutamento.”

As unidades mercenárias jihadistas podem em breve tornar-se uma característica regular dos conflitos globais, oferecendo capacidades de “forças especiais” a clientes extremistas em futuras insurgências, o investigador Sean McFate escreveu num artigo publicado pela National Defense University Press.

Russell escreveu que o panorama militante actual se assemelha cada vez mais a um “sindicato global,” baseado em ideologia, logística, consultoria e especialização transfronteiriça, alimentado por EMP jihadistas.

“O resultado é um mundo onde um bombardeamento no Burquina Faso pode espelhar táticas aperfeiçoadas em Idlib [Síria], ou onde um técnico de drones somali replica os alvos marítimos Houthis,” escreveu. “Esta não é uma adaptação aleatória, é o surgimento de uma economia do conhecimento de combate, onde os combatentes trocam doutrina, não apenas ideologia.” □



## Mauritânia Combina Métodos Modernos e Antigos para Garantir a Segurança

FOTOS DA AFP/GETTY IMAGES



**U**m guarda nacional mauritano demonstra uma imagem térmica de uma câmara acoplada a um drone fora de Oualata, em Abril de 2025. Estes cavaleiros do deserto, conhecidos como Méharistes, atravessam o Sahara em camelos. Nos últimos anos, eles recuperaram um papel central na estratégia de segurança do país. As suas patrulhas são cruciais num vasto território que partilha 2.200 quilómetros de uma fronteira pouco povoada com o Mali, um país há anos atormentado pelo terrorismo e pela insurgência. Os camelos podem mover-se onde até mesmo veículos com tracção a quatro rodas ficam imobilizados. A guarda tinha diminuído para cerca de 50 pessoas há alguns anos devido à falta de recursos. Mas, desde 2019, cresceu para cerca de 150 homens e uma manada de 400 camelos. Ajudam o país a defender as suas fronteiras e servem como um importante sistema de apoio para comunidades isoladas.



# CRESCCE O TERROR DOS DRONES

EQUIPA DA ADF

## *Os Terroristas Estão a Encontrar Novas Formas de Transformar os Drones em Armas*

ILUSTRAÇÃO DA ADF

**Q**uando os extremistas do Estado Islâmico na Província da África Ocidental (ISWAP) lançaram quatro ataques mortais simultâneos contra as forças militares nigerianas no final de Outubro de 2025, os drones armados desempenharam um papel fundamental.

Os ataques a posições nas comunidades de Dikwa, Gajibo, Mafa e Katarko mataram cinco soldados e incendiaram uma base militar.

No final, os soldados nigerianos repeliram os ataques, matando 50 combatentes do ISWAP. No entanto, o assalto ilustrou como os drones se tornaram parte integrante das operações terroristas em África.

Embora os governos africanos tenham gasto milhões de dólares na compra de drones de nível militar, como o Bayraktar TB2 e o Akinci da Turquia, os grupos terroristas gastaram significativamente menos

em drones quadricópteros disponíveis comercialmente, que podem ser facilmente equipados com explosivos, transformando-os em dispositivos explosivos improvisados voadores, ou DEI. Os quadricópteros estão a ser usados contra as forças governamentais no Burkina Faso, no Mali, no Níger, na Nigéria e na Somália. Fronteiras porosas e ligações familiares ou étnicas em toda a região incentivam a circulação da tecnologia e do know-how técnico que sustentam as operações terroristas com drones, segundo os especialistas.

Os ataques com drones aceleraram rapidamente desde que o Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM) lançou o seu primeiro ataque kamikaze com drones em 2023. Entretanto, o JNIM tornou os ataques com drones kamikaze uma parte fundamental da sua estratégia de batalha, lançando dezenas deles

contra alvos civis e militares no Burkina Faso, no Mali e no Níger.

O Centro de Políticas para o Novo Sul de Marrocos registou mais de 30 ataques com drones no Sahel entre Setembro de 2023 e Junho de 2025. A maioria dos quais — 82% — ocorreu entre Março e Junho de 2025. Entre eles estava um ataque do JNIM a uma base militar maliana em Boulikessi, que matou mais de 100 soldados.

Numa altura em que os grupos terroristas dependem cada vez mais de drones para ataques kamikaze a posições terrestres, eles também conseguem manter os seus próprios combatentes fora do combate directo com as forças militares. Como resultado, as estratégias com base em drones que agora estão a tomar forma em todo o Sahel podem antecipar batalhas futuras, de acordo com John Sunday Ojo, investigador do Instituto de Segurança e Assuntos Globais.



AFP/GETTY IMAGES

“Vários ataques recentes foram bem-sucedidos devido à adoção de drones pelo ISWAP,” Ojo disse à ADF. “Naquela região, estamos a caminhar para um tipo de ambiente em que o combate terrestre não será capaz de conter a guerra contra o terrorismo. Será uma espécie de guerra remota, em que os terroristas nem precisam de se esforçar para atingir os seus objectivos.”

### **UM FENÓMENO MUNDIAL**

As tropas ucranianas têm liderado a utilização de drones armados e não armados de estilo civil contra as forças invasoras russas.

“Eles são combativos da mesma forma que as pessoas que estão a construir essas coisas nas suas garagens na Ucrânia,” o analista Nicola Milnes disse à ADF. Milnes foi co-autor de um estudo publicado pelo Centro de Políticas para o Novo Sul.

Enquanto a Ucrânia usa tecnologia de drones prontos para uso para repelir as forças invasoras russas, grupos em todo o mundo estão a observar e podem tentar replicar o seu sucesso, Don Rassler, do Centro de Combate ao Terrorismo de West Point, disse à ADF.

“O conflito na Ucrânia é um importante laboratório de aprendizagem,” disse Rassler.

### **INOVAÇÕES INTERNAS**

Na Somália, as autoridades da Puntlândia interceptaram em 2024 cinco drones comerciais armados enviados pelos rebeldes Houthis do Iémen a terroristas na Somália.

O al-Shabaab continua a usar drones principalmente para reconhecimento, mas o seu rival do norte do país, o Estado Islâmico na Província da Somália, os tem utilizado em combate contra forças regionais.

“  
*Será uma espécie de guerra remota, em que os terroristas nem precisam de se esforçar para atingir os seus objectivos.*”

— John Sunday Ojo, investigador do Instituto de Segurança e Assuntos Globais

A tecnologia antidrone foi concebida para interferir no sinal entre os drones e os seus operadores. Os bloqueadores podem ser contornados usando os chamados drones offline, alimentados pela IA e programados para atacar um alvo específico. AFP/GETTY IMAGES



“O Estado Islâmico na Somália é um dos grupos que preocupa as pessoas,” a analista Clara Broekaert, do The Soufan Center, disse à ADF. “Eles têm os recursos; estão a tornar-se um ponto de atracção para combatentes estrangeiros e recrutam pessoas com competências específicas.”

A relação crescente entre o al-Shabaab e os rebeldes Houthis do Iémen também é preocupante, segundo Ressler. Os Houthis trabalham para ampliar o alcance dos seus próprios drones comerciais kamikaze.

“Os Houthis têm procurado e experimentado formas únicas de tecnologia, como células de combustível de hidrogénio,” disse. “Estes são sinais de alerta dos rumos que os conflitos podem tomar no Sahel.”

No Mali, o JNIM e a Frente de Libertação do Azawad (FLA) parecem estar a conduzir uma transferência de conhecimento semelhante. Em

meados de 2024, o Coronel Hussein Ghulam saiu da FLA para entrar no JNIM e logo se envolveu no ataque com drones do JNIM em Maio de 2025 em Dioura, que matou 41 soldados malianos.

“Embora não seja possível confirmar a coordenação directa entre os dois grupos, o momento e a sobreposição geográfica sugerem um potencial para transferência de conhecimento ou observação mútua,” Milnes e Rida Lyammouri escreveram para o Centro de Políticas para o Novo Sul.

O JNIM e outros grupos terroristas africanos receberam pouca ou nenhuma ajuda directa das organizações centrais da al-Qaeda ou do Estado Islâmico, que enfrentam uma pressão substancial dos governos dos seus países de origem, de acordo com analistas.

“São principalmente internas,”

disse Ressler sobre as inovações dos extremistas africanos em matéria de drones. “Eles não precisam de depender muito do núcleo do Estado Islâmico para obter orientação. Basta-lhes ir ao YouTube ou ao Instagram para extrair dados sobre o que se tem passado na Ucrânia.”

A rápida expansão da inteligência artificial pode fazer que seja ainda mais fácil para os extremistas transformarem drones comuns em armas.

“É aqui onde a IA muda tudo,” disse Milnes. “Não é preciso ser um especialista em tecnologia. Usa-se a IA para aprender a usar a IA.”

Em alguns ataques recentes, grupos terroristas utilizaram drones equipados com IA capazes de localizar e atacar os seus alvos sem um operador humano. Os chamados drones offline não podem ser bloqueados ou redireccionados da mesma forma que os drones



Alunas do ensino básico no Burquina Faso deitam-se no chão da sala de aula durante uma simulação de ataque de emergência. Milhares de escolas do país foram fechadas devido à violência terrorista. AFP/GETTY IMAGES

*“Se estas tendências continuarem, outras adaptações, como maior autonomia a bordo ou coordenação ampliada, poderão surgir com o tempo.”*

— **Nicola Milnes** e **Rida Lyammouri**, num estudo para o Centro de Políticas para o Novo Sul intitulado “Countering JNIM’s Drone Proliferation in the Sahel (Combate à Proliferação de Drones do JNIM no Sahel)”



Um homem observa a fumaça que se eleva após um ataque com drones em Port Sudan, no dia 6 de Maio de 2025. AFP/GETTY IMAGES



controlados por operadores, o que os torna mais difíceis de combater.

“Se estas tendências continuarem, outras adaptações, como maior autonomia a bordo ou coordenação ampliada, poderão surgir com o tempo,” escreveram Milnes e Lyammouri.

Um aspecto da guerra com drones permaneceu, até agora, fora do alcance de extremistas e militares: os enxames. Os especialistas estão preocupados com a possibilidade de que o JNIM, o ISWAP ou outros grupos terroristas possam um dia lançar um grande ataque a uma comunidade ou posto militar usando dezenas de drones autogeridos e coordenados pela IA.

“Essa é uma área a ser observada,” considera Ressler.

### **CUSTO DA ASSIMETRIA**

Apesar de todos os seus gastos com tecnologia de ponta, como os drones Bayraktar TB2, as forças armadas de todo o Sahel não possuem um mecanismo operacional específico para combater os drones utilizados por grupos terroristas, de acordo com Ojo.

“A assimetria de custos para a guerra com drones é incrivelmente alta,” Broekaert disse à ADF. “[Os governos] estão a investir milhões em sistemas que podem ser facilmente derrotados.”

Por exemplo, as forças armadas que utilizam bloqueadores, como o sistema EDM4S SkyWiper da

Lituânia, para interromper o sinal entre o drone e o operador, podem ser superadas por extremistas que utilizam drones equipados com sistemas de IA offline.

A tecnologia de bloqueio também pode ser derrotada com a utilização de drones com longos cabos de fibra óptica — uma tecnologia que se tornou comum na Ucrânia, mas que ainda não foi testada no Sahel ou na Somália.

“É um desenvolvimento assustador que precisamos continuar a observar,” recomendou Ressler.

Em última análise, enquanto os grupos terroristas aumentam as suas capacidades em termos de drones, estão a ultrapassar as forças armadas encarregadas de os controlar, de acordo com os observadores. Os esforços directos das forças armadas para interromper os drones no campo de batalha ou para os manter fora do alcance dos civis tiveram pouco efeito, deixando as forças armadas em desvantagem.

A rápida evolução de tecnologias como a IA e a impressão 3D provavelmente tornará ainda mais difícil para os governos acompanhar as inovações dos terroristas em matéria de drones.

“Estes grupos estão a circular à sua volta [forças armadas] neste momento com drones comerciais bastante baratos, de fabrico próprio e fáceis de modificar,” disse Milnes. “E estão a expandir-se muito rapidamente.” □

# A SAÍDA DO COMBATE

**Os Programas DDR Podem Impedir o  
Regresso à Guerra, Mas Enfrentam Obstáculos**

EQUIPA DA ADF | FOTOS DA MINUSCA

ILUSTRAÇÃO DA ADF

Foi um raro momento de alegria na aldeia de Sanguéré-Lim, na República Centro-Africana, quando combatentes que antes inspiravam terror fizeram fila para depor as armas.

Os combatentes da milícia Retour, Réclamation et Réhabilitation (3R) incluíam adolescentes vestindo camisolas de futebol e homens grisalhos com gorros de malha. Música animada tocava nos altifalantes enquanto um homem empunhando um lança-granadas ficava ao lado de um adolescente segurando duas mãos cheias de balas.

“Hoje, os grupos armados depuseram as armas e isso mudou tudo,” Adama Yaouba, um morador da aldeia, disse às Nações Unidas. “Antes, nunca dormíamos em paz, estávamos sempre em guarda. Mas agora posso dormir em paz, sem preocupações. Os meus filhos também se sentem seguros e isso é o que mais importa para mim.”

Num país que está em conflito há mais de uma década, com 14 grupos armados a disputar o controlo, o evento foi um motivo de celebração. Fez parte de um acordo de paz de 2019 e foi a mais recente conquista de um processo de desarmamento, desmobilização e reintegração (DDR) que ajudou 5.540 combatentes a depor as armas.

“O desarmamento de grupos armados promove a protecção de civis,” disse Wilfried Sawadogo, da MINUSCA, a missão da ONU na RCA. “Ajuda a população a viver num ambiente seguro e pacífico, permitindo-lhe realizar actividades económicas e sociais.”

O programa implementado pela MINUSCA, pelo governo da RCA e outros oferece incentivos e formação profissional aos combatentes dispostos a regressar à vida civil. Oferece um caminho para o alistamento nas forças armadas para aqueles que se qualificam. Ajuda as comunidades a aceitar ex-combatentes que regressam a casa e oferece aconselhamento para lidar com o trauma mental da guerra.

À medida que o panorama dos conflitos em África muda, os defensores acreditam que o programa DDR continua a ser uma estratégia vital para restaurar a paz. Os críticos, no entanto, questionam se ele pode ter sucesso



Membros da milícia Retour, Réclamation et Réhabilitation chegam a Sanguéré-Lim, na República Centro-Africana, em Setembro de 2025, para entregar as suas armas e aderir ao programa de desarmamento, desmobilização e reintegração do país.

em ambientes cada vez mais fragmentados, sem acordos de paz e com uma grande variedade de combatentes a operar em territórios que atravessam fronteiras.

As estratégias de DDR estão a mudar para acompanhar as mudanças, e os especialistas sabem que há mais a ser feito. O Dr. Ibrahim Bangura é profissional, instrutor e pesquisador de DDR na Fourah Bay College, Universidade de Serra Leoa. Ele é editor do livro “Desarmamento, Desmobilização e Reintegração de Ex-Combatentes em África.”

“As guerras evoluíram e o próprio DDR também,” Bangura disse à ADF. “O DDR tem de ser adaptado ao contexto em que é utilizado. Tem de ser específico ao contexto, caso contrário, falha.”

### ‘Uma Geração Perdida’

Há séculos que é claro que os combatentes que só conheceram a guerra precisam de apoio e orientação ao

## As Etapas do DDR

**Desarmamento** envolve a recolha, a documentação, o controlo e a eliminação de munições, armas de pequeno calibre, explosivos, armas ligeiras e armas pesadas. Também inclui programas para a gestão, o armazenamento e a eliminação de armas.

**Desmobilização** é a dispensa formal e controlada de combatentes activos das forças armadas ou de outros grupos. Na sua primeira fase, pode incluir o processamento de combatentes em centros temporários ou a concentração de tropas em acampamentos, locais de acantonamento, quartéis ou áreas de reunião.

**Reinserção** é a assistência transitória de curto prazo, de até um ano, oferecida a ex-combatentes para atender às suas necessidades básicas imediatas. Depois de desmobilizados, os combatentes, muitas vezes, não conseguem ganhar a vida enquanto concluem a formação profissional. A reinserção pode incluir um subsídio, roupas, serviços médicos, alimentação, emprego, educação e formação de curta duração.

**Reintegração** é o processo pelo qual os ex-combatentes adquirem o estatuto de civis e começam a sustentar-se através do emprego. A reintegração é um processo social com um prazo aberto e ocorre ao nível da comunidade. Muitas vezes, requer apoio a longo prazo.



# DDR ‘SIGNIFICA ESTABILIDADE E PAZ DURADOURA’

Uma conversa com Pierre Ubalijoro, director da secção DDR da missão da ONU na República Centro-Africana

EQUIPA DA ADF

**ADF:** Depois de os combatentes deporem as armas, quais são os próximos passos?

**Ubalijoro:** Algumas pessoas, após serem desmobilizadas, são inscritas em programas de reintegração financiados pelo Banco Mundial que incluem educação cívica durante o primeiro mês e, nos cinco meses seguintes, formação profissional em áreas como agricultura, carpintaria e outras actividades geradoras de rendimento. Recebem também apoio psicossocial, exames médicos e kits de reintegração. Algumas pessoas elegíveis podem ser integradas nas forças de segurança nacionais. Até meados de 2025, apoiámos o governo no desarmamento e na desmobilização de mais de 5.600 combatentes.

**ADF:** O que significa para os civis da República Centro-Africana ver os combatentes a abandonar o campo de batalha?

**Ubalijoro:** Significa muito, porque assim que os combatentes entregam as armas, há espaço para a recuperação económica. É aí onde outros parceiros internacionais com uma agenda de desenvolvimento começam a chegar. Isso constitui uma forma de alívio. Nós, como missão, apoiamos as comunidades com um projecto conhecido como Redução da Violência Comunitária [CVR], que aumenta a resiliência da comunidade. Construimos escolas, perfuramos poços e realizamos projectos de dinheiro por trabalho. Abrimos caminho para que outros parceiros com recursos de desenvolvimento substanciais venham e ajudem as comunidades a viver uma vida mais pacífica, sem interrupções por violência armada e execuções extrajudiciais.

**ADF:** Na RCA, havia outrora 14 grupos armados activos. Como é que isso aumenta a complexidade de um programa de DDR?

**Ubalijoro:** O processo de DDR na RCA é complicado pela fragmentação dos grupos armados. Embora 14 grupos armados tenham assinado o Acordo Político para a Paz e Reconciliação na República

Centro-Africana (APPR-RCA) em 2019, três deles retiraram-se posteriormente e formaram o que é conhecido como a Coligação dos Patriotas para a Mudança. A presença de facções não signatárias ainda activas em zonas mineiras e corredores de transumância aumenta a complexidade. Apesar destes desafios, 11 dos 14 grupos signatários originais foram oficialmente dissolvidos, e o regresso da UPC e da 3R [grupos armados] ao quadro do APPR revigorou os esforços de DDR. Em conformidade com o seu mandato, a MINUSCA [missão da ONU na República Centro-Africana] aumentou o apoio às autoridades da RCA para realizar operações de desarmamento e desmobilização em muitas áreas. Neste momento, temos cerca de oito operações em preparação antes da realização das eleições [de Dezembro de 2025].

**ADF:** Enquanto um programa de DDR decorre, como é que se determina se ele é bem-sucedido?

**Ubalijoro:** É um processo impulsionado pela política. Às vezes, pode demorar muito tempo; outras vezes, pode ser rápido, dependendo da vontade política. O sucesso é medido pela desmobilização sustentável e pela reintegração dos ex-combatentes na vida civil ou nas instituições nacionais, sem recaídas na violência. Os principais indicadores incluem a melhoria da segurança das comunidades mais afectadas pelos grupos armados, a redução da violência armada, a integração socioeconómica e, mais importante, a aceitação pelas comunidades de acolhimento.

**ADF:** Quando se fala de comunidades de acolhimento, é natural que alguns civis fiquem nervosos e resistentes ao regresso dos ex-combatentes. O que pode ser feito para ajudar neste processo?

**Ubalijoro:** É um processo complexo. Os projectos de CVR são essenciais, porque têm como objectivo promover a aceitação. Esses projectos incluem a reconstrução de escolas, centros de saúde, poços, bem

como a promoção do diálogo e de actividades económicas conjuntas. Na cidade de Sam-Ouandja, por exemplo, os projectos CVR levaram à redução da circulação de armas e ao reinício da agricultura. Se for lá hoje, poderá ver que há uma era de renascimento e melhoria do comércio devido à reparação das estradas. Essas iniciativas ajudam as comunidades a ver benefícios tangíveis e reduzem o estigma em relação aos ex-combatentes que regressam.

**ADF:** Dois terços dos países africanos passaram por um processo de DDR em algum momento da sua história. Existem casos recentes em que o DDR tenha sido bem-sucedido e tenha desempenhado um papel importante no fim de um conflito?

**Ubalijoro:** Vários países africanos implementaram com sucesso programas de DDR. Por exemplo, a Libéria desarmou mais de 100.000 combatentes após a guerra civil. O Ruanda reintegrou crianças-soldados através das chamadas Escolas Kadogo. A Serra Leoa associou o DDR à reconciliação nacional e ao emprego dos jovens. Na RCA, o programa DDR está a seguir um caminho semelhante, com milhares de combatentes desarmados, desmobilizados e reintegrados com sucesso, que agora levam uma vida significativa.

**ADF:** Olhando para o futuro, quais são as possibilidades do DDR na RCA e o que isso pode significar a longo prazo?

**Ubalijoro:** Um programa DDR bem-sucedido permitiria ao governo da RCA não só recuperar o controlo territorial, mas também reduzir a violência e abrir corredores comerciais e agrícolas, corredores de transumância. Isso lançaria as bases para a recuperação económica e a governação descentralizada. Além disso, com o mandato da MINUSCA prorrogado até Novembro de 2026, o DDR é fundamental para a estratégia de paz e desenvolvimento da RCA. Na minha opinião, um programa DDR bem-sucedido significa estabilidade e paz duradoura para a RCA.

regressarem à vida civil. Na Roma antiga, os soldados desmobilizados recebiam terras agrícolas depois de os líderes terem percebido que muitos se tinham tornado desorientados e recorriam ao crime.

A ONU alerta que, sem assistência, os ex-combatentes correm o risco de ser uma “geração perdida” que “sofre traumas de guerra, torna-se viciada em álcool e drogas e depende de armas e violência como únicos meios de sobreviver no mundo.”

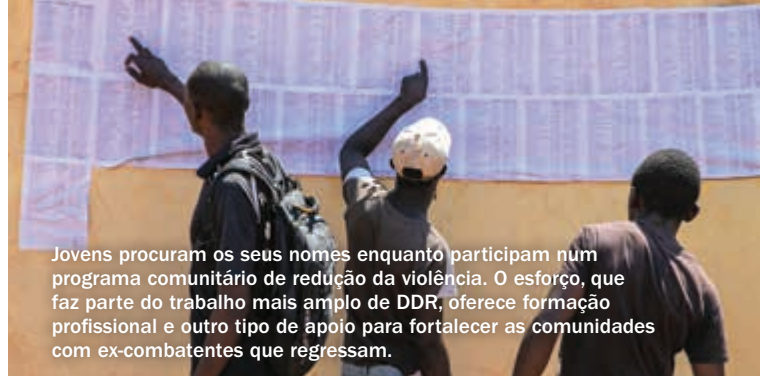
Essa é uma das principais razões pelas quais mais da metade das guerras civis que terminam num acordo de trégua logo voltam à guerra.

Um dos primeiros esforços modernos de DDR ocorreu na Colômbia, após um conflito de 10 anos conhecido como La Violencia, que terminou em 1957. O programa teve um sucesso limitado – cerca de 3.500 pessoas foram desmobilizadas, enquanto alguns grupos armados se recusaram a participar –, mas ofereceu um modelo que poderia ser replicado.

Entre 1953 e 2020, houve 149 programas e processos de DDR em 54 países. Os países utilizaram os programas após cessar-fogos ou acordos de paz e durante guerras activas. Tentaram desarmar milícias, paramilitares, terroristas, exércitos alinhados etnicamente e muitos outros grupos.

Em 2005, a ONU formalizou a sua abordagem através de um Grupo de Trabalho Interagências sobre DDR. Desde então, o programa tem sido uma componente central das intervenções em regiões assoladas por conflitos. A ONU actualiza regularmente as suas orientações e agora inclui modelos de DDR de segunda e terceira geração que ampliam o escopo dos programas para incluir um grupo mais amplo de combatentes e apoio para ajudar a comunidade em geral a aceitar os combatentes reintegrados.

Em todo o continente, dois terços dos países implementaram programas de DDR. Existem algumas histórias de sucesso. A Costa do Marfim desarmou e desmobilizou 69.505 combatentes entre 2012 e 2015. Na Libéria, 101.495 combatentes foram desmobilizados entre 2003 e 2008. A



Jovens procuram os seus nomes enquanto participam num programa comunitário de redução da violência. O esforço, que faz parte do trabalho mais amplo de DDR, oferece formação profissional e outro tipo de apoio para fortalecer as comunidades com ex-combatentes que regressam.

## Novos Desafios

Hoje, o DDR é mais desafiante do que nunca. Os seus profissionais, muitas vezes, enfrentam um panorama complexo, com múltiplos grupos, sem declarações de paz e conflitos que se espalham além-fronteiras. Eis os maiores desafios para os programas de DDR do século XXI.

### Ausência de Paz

Os conflitos modernos são menos propensos a serem encerrados por um acordo político ou de paz. Um estado latente de hostilidade dificulta o início do DDR, pois os combatentes não estão dispostos a depor as armas se sentirem a necessidade de se proteger.

### Muitos Actores

Os profissionais de DDR hoje lidam com uma série de partes envolvidas. Isso inclui milícias, terroristas, grupos do crime organizado e “sabotadores” que podem não ser parte do conflito ou do acordo de paz. Todos os grupos têm os seus próprios incentivos e estruturas. A natureza fragmentada de muitos conflitos dificulta o desenvolvimento de um programa que atraia todos os grupos armados e atenda aos seus interesses.

### Conflitos Regionalizados

Muitos conflitos hoje atravessam fronteiras. Os grupos armados podem incluir apoiantes e aliados estrangeiros e nacionais. Alguns também estão ligados a redes criminosas internacionais.

### Hostilidade das Comunidades

É compreensível que os civis tenham medo do regresso dos ex-combatentes às suas comunidades. Podem ressentir-se dos combatentes que recebem benefícios depois de terem cometido atrocidades. Os ex-combatentes nos programas de DDR normalmente escolhem entre regressar às suas comunidades de origem ou encontrar novas comunidades onde não sejam reconhecidos. Ambas as opções apresentam desafios.

### Falta de Financiamento e Vontade Política

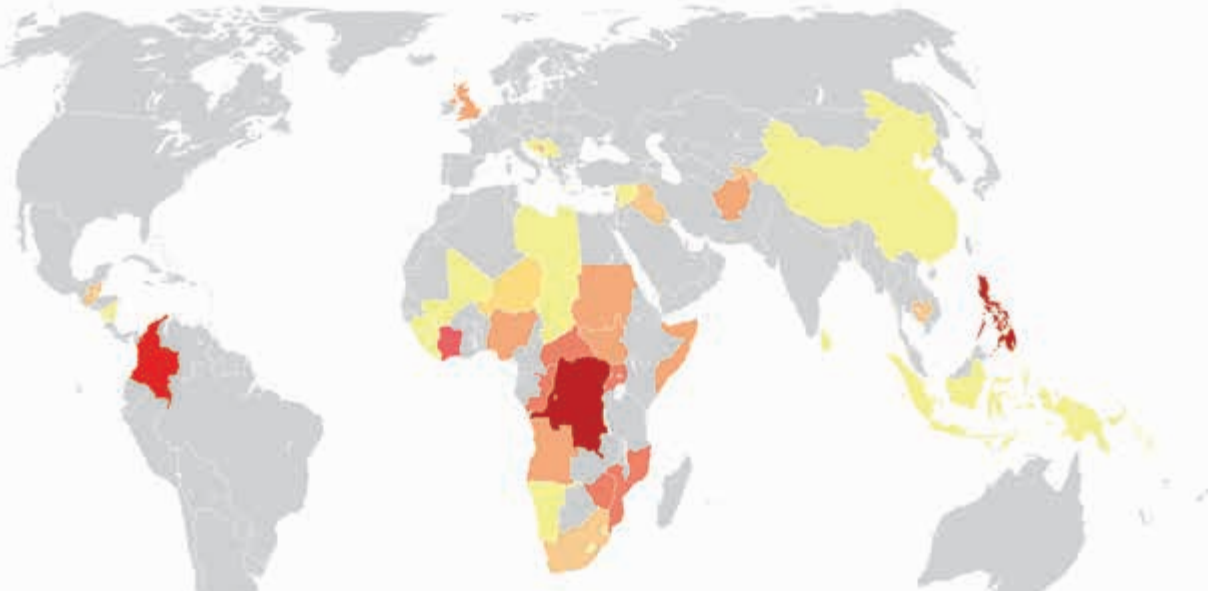
Os programas de DDR são caros e demorados. A duração típica da fase de desarmamento de um programa é de um a dois anos, mas pode se estender por mais de uma década. O programa de DDR na Bósnia-Herzegovina, por exemplo, durou 12 anos. Falhas no financiamento ou na vontade política podem comprometer os esforços. “No sentido tradicional, o DDR é um acordo político,” disse o especialista em DDR, Dr. Ibrahim Bangura. “Onde há vontade política e interesse, ele é bem-sucedido; onde não há vontade política e interesse, ele não é bem-sucedido.”



Um homem participa num programa comunitário de redução da violência na RCA.

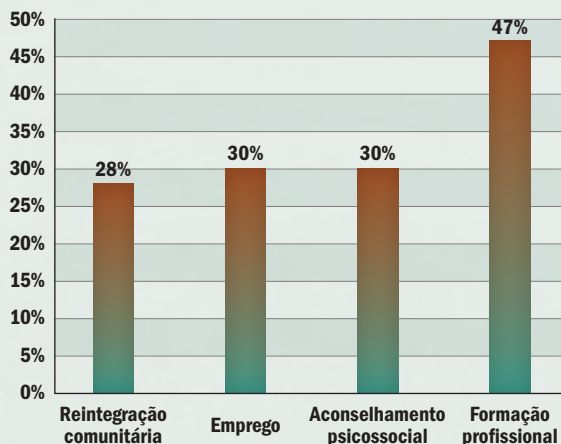
## Programas DDR de 1953 a 2020

1 13



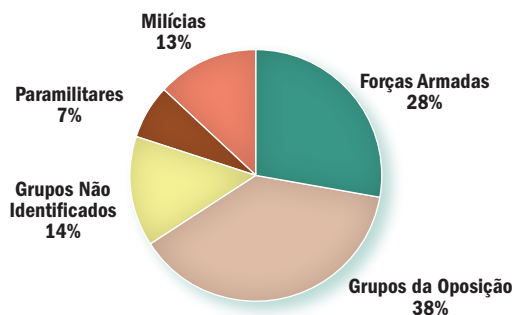
Fonte: Conjunto de Dados do Programa DDR da Academia Folke Bernadotte

### Serviços Mais Comuns Oferecidos em Programas DDR



Source: DDR Program Dataset, Folke Bernadotte Academy

### Tipos de Grupos Armados que Participam no DDR



Fonte: Conjunto de Dados do Programa DDR da Academia Folke Bernadotte

Serra Leoa desmobilizou 71.043 ex-combatentes em três fases que se estenderam de 1998 a 2004.

Mas o continente também testemunhou alguns dos maiores fracassos do DDR. Um programa DDR de uma década, envolvendo sete países na região dos Grandes Lagos, custou 500 milhões de dólares e desarmou 300.000 combatentes, apenas para ver a violência atingir novos picos em lugares como o leste da República Democrática do Congo.

Durante três décadas, África tem sido um “laboratório vivo,” testando o que funciona e o que não funciona no DDR, escreveu Anatole Ayissi, do Escritório Regional da ONU para a África Central, no Gabão. “A boa notícia é que o pensamento sobre o DDR na ONU e em outras instituições não é estático,” escreveu Ayissi. “Na verdade, está quase constantemente sob escrutínio, com considerável atenção dada à reforma da sua prática para se alinhar com a dinâmica de conflitos em rápida evolução em África.”

### Abordagens Inovadoras

As melhores práticas de DDR estão a ser actualizadas em resposta a um cenário desafiador. Quando bem-sucedido, o DDR é um esforço interligado de toda a sociedade, que inclui as forças armadas, a polícia, líderes políticos, grupos humanitários e actores económicos. A experiência mostra que esses programas tendem a funcionar melhor quando fazem parte de um plano de paz mais amplo, implementado por um terceiro de confiança e apoiado por fundos suficientes para uma longa duração.

Bangura disse que os programas mais bem-sucedidos são concebidos para atender às necessidades específicas do país em que são implementados.

“Não existe uma solução milagrosa,” disse Bangura. “Trata-se apenas de adaptabilidade e de garantir que tudo o que se faz é específico ao contexto.”



Um homem é fotografado enquanto participa num programa comunitário de redução da violência na RCA.



O programa DDR da RCA opera num cenário complexo que inclui 14 grupos armados.

Abordagens inovadoras estão a ser utilizadas nos programas de DDR para melhorar a eficácia:

**Esforço comunitário:** uma inovação é a redução da violência comunitária. Esta prática utilizada na RCA adopta uma abordagem comunitária para pôr fim aos conflitos. Através de programas como formação profissional de curta duração, ensino de valores cívicos e apoio a empresas em fase inicial, procura-se que toda a comunidade se aproprie do DDR.

Bangura afirmou que projectos de impacto rápido, como a construção de poços, escolas ou clínicas de saúde que melhoram a vida de todos os cidadãos, podem ajudá-los a superar o medo ou o ressentimento em relação aos ex-combatentes e a abraçar o DDR a longo prazo. Também há necessidade de justiça transicional para que os membros da comunidade possam ver que os ex-combatentes estão arrependidos e pagaram pelas suas acções.

“Este tipo de coisas ajuda, e também ajuda usar o capital social dentro das comunidades,” disse Bangura. “Líderes religiosos, tradicionais e outros líderes — se eles se apropriarem de tais projectos, é mais fácil para si ter sucesso, mas se eles se sentirem marginalizados e excluídos, rejeitarão os combatentes.”



Um ex-combatente do nordeste da RCA confecciona roupas após receber formação profissional.

Ele também disse que é necessário fazer um trabalho prévio para preparar as comunidades antes da reintegração de ex-combatentes. Alguns membros da comunidade revoltam-se com a perspectiva de acolher combatentes que regressam e chegam mesmo a ameaçar pegar em armas para se vingarem. “Não se pode simplesmente enviar ex-combatentes para as comunidades; é necessário fazer um trabalho de base muito antes,” considerou Bangura.

**Foco na cura:** os programas de DDR devem enfatizar o tratamento psicológico e emocional, segundo Bangura. Uma estimativa revelou que 80% das pessoas com transtornos mentais relacionados a conflitos não recebem tratamento. Essas feridas persistentes podem desempenhar um papel importante na continuidade do ciclo de violência. “São pessoas traumatizadas, profundamente feridas pela guerra,” afirmou. “Portanto, podem ter pegado em armas, mas também foram vítimas da sociedade.”

Há uma consciência crescente de que este deve ser um processo longo, sobretudo com combatentes que fizeram parte de movimentos ideológicos ou que portam armas desde a juventude. “O apoio geralmente é de curto prazo,” disse Bangura. “Eles vão, dão-lhes três ou seis meses de treinos, dão-lhes uma pequena quantia em dinheiro e dizem ‘OK, adeus’ e, em poucas semanas, a pessoa volta à estaca zero.”

**Um modelo africano:** há um reconhecimento de que os países africanos irão orientar os futuros programas de DDR. A ONU está a diminuir a sua presença de manutenção da paz em todo o mundo, e parece haver menos interesse por parte dos grupos internacionais em apoiar os programas de DDR. Na perspectiva de Bangura, isso pode ser uma oportunidade para os profissionais africanos elaborarem programas que atendam às necessidades e contextos únicos dos seus países.

“Quanto mais esses países compreenderem que já não podem esperar pela ONU e que precisam de assumir a responsabilidade pela resolução dos seus problemas, melhor será para eles,” explicou. “Soluções locais ajudam a promover a confiança, a cura e a reconciliação.” □

# FRANQUIAS DO MEDO

Um Número Crescente de Afiliados  
do Estado Islâmico e da al-Qaeda fez de África  
o Epicentro Mundial do Terrorismo

EQUIPA DA ADF

ILUSTRAÇÃO DA ADF

**O** Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin, afiliado da al-Qaeda, realizou um ataque coordenado e abrangente a sete locais militares no oeste do Mali, incluindo perto das fronteiras com o Senegal e a Mauritânia, em meados de 2025.

O grupo terrorista, mais conhecido como JNIM, foi responsável por um aumento nos ataques naquela época em vários países da África Ocidental, principalmente no Burkina Faso, no Mali e no Níger. O grupo tornou-se uma grande força na instabilidade regional e foi usado como justificativa para golpes militares nos três países do Sahel nos últimos cinco anos.

O JNIM é apenas uma das franquias terroristas da al-Qaeda, com sede no Médio Oriente, em África e noutros locais. O grupo rival Estado Islâmico, ou EI, também tem sede no Médio Oriente e franqueou grupos semelhantes.

O JNIM foi formado em Março de 2017, quando quatro grupos terroristas sediados no Mali se fundiram

e juraram lealdade à al-Qaeda. As autoridades hesitam em especular sobre o número de combatentes nas fileiras do JNIM, mas dizem que podem ser vários milhares, de acordo com a BBC.

Embora tais franquias tenham surgido no Médio Oriente, essa região deixou de ser o refúgio seguro para terroristas. A al-Qaeda e o EI já dominaram a região, onde, no seu auge, o EI tinha cerca de 80.000 terroristas, incluindo mais de 42.000 combatentes estrangeiros de 120 países, de acordo com o consultor em terrorismo Adrian Shtuni. Os investigadores estimam que apenas cerca de 1.500 a 3.000 combatentes do EI permanecem no Médio Oriente, com focos de combatentes na Síria e no Iraque.

Desde que perderam terreno no Médio Oriente, as duas redes terroristas mudaram o seu foco para África. O terrorismo é visto como a ameaça mais significativa à paz, segurança e desenvolvimento sustentável em todo o continente actualmente, e a África Subsaariana agora é responsável por quase 60% de todas as mortes

relacionadas ao terrorismo em todo o mundo. O Sahel é a “zona de impacto” da violência terrorista, com mais de 6.000 mortes por três anos consecutivos.

O fanatismo religioso, a instabilidade política crónica, as queixas locais, a pobreza e a governação ineficaz impulsionaram a criação de franquias africanas, segundo os especialistas.

O terreno acidentado e a distância dos centros populacionais permitem que as operações terroristas prosperem. A Nigéria é assolada por grupos que atacam cidades e vilas e depois se retiram para a Floresta de Sambisa. De acordo com a Organização das Nações Unidas, áreas remotas do Sahara e do Sahel, do Lago Chade, da República Democrática do Congo e da província de Cabo Delgado, em Moçambique, oferecem esconderijos para terroristas. Algumas partes de África são praticamente inacessíveis durante as estações chuvosas.

Algumas franquias começam como grupos insurgentes locais que chamam a atenção do EI ou da al-Qaeda. Os grupos juntam-se pelo prestígio, treino e recursos que as duas organizações podem oferecer. A lealdade entre os grupos extremistas oscila, com alguns grupos a mudarem de lado devido a factores como violência excessiva ou falta de apoio e dinheiro.

A al-Qaeda e o EI utilizam um “modelo de franquia descentralizado” para ganhar seguidores e transformar as queixas locais “em projectos jihadistas regionais, mais ou menos negociando com a legitimidade da marca,” o Dr. Sergio Altuna, investigador sénior do Programa sobre Extremismo da Universidade George Washington, disse à ADF. “Os líderes locais dizem que recebem este capital simbólico, um nome global, uma marca global.”

As franquias de ambas as organizações têm uma margem de manobra considerável na forma como operam. Embora utilizem os nomes das organizações-mãe

para se conferirem legitimidade, as afiliadas adaptam-se às condições locais, incluindo políticas étnicas e queixas. Sem uma estrutura central, são menos vulneráveis a ataques por parte das forças de combate à insurgência.

Grupos de investigação, como a Hoover Institution, afirmam que as marcas al-Qaeda e EI têm valor prático e simbólico para as suas afiliadas. Mas os grupos individuais têm objectivos e estratégias diferentes.



A polícia nigeriana monta guarda na entrada de uma embaixada em Lagos. A Nigéria alertou as embaixadas sobre ataques terroristas.

REUTERS

“As alegações de lealdade à al-Qaeda ou ao EI ocultam o facto de que os grupos insurgentes da África Subsaariana são essencialmente insurgências locais, que recebem pouco ou nenhum apoio externo,” relata um Estudo sobre Conflitos Armados de 2023 do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos. “Há muito poucas provas de que a al-Qaeda ou o EI tenham capacidade para prestar um apoio significativo a estas autoproclamadas franquias. Estes grupos jihadistas são, pelo contrário, largamente autofinanciados.”

Forças policiais marítimas da Puntlândia patrulham a costa do Mar Vermelho em busca de terroristas do grupo Estado Islâmico. REUTERS



# GRUPOS ACTUAIS

Os grupos terroristas são difíceis de rastrear. As alianças mudam constantemente e os grupos alteram regularmente os seus nomes e táticas. A ONU, grupos de investigação sobre terrorismo e organizações como o Centro Nacional de Combate ao Terrorismo dos EUA acreditam que estes grupos continuam activos no continente:

## ● O Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM)

tem a sua sede no Mali e actua em grande parte da África Ocidental, incluindo partes do Burquina Faso e do Níger.

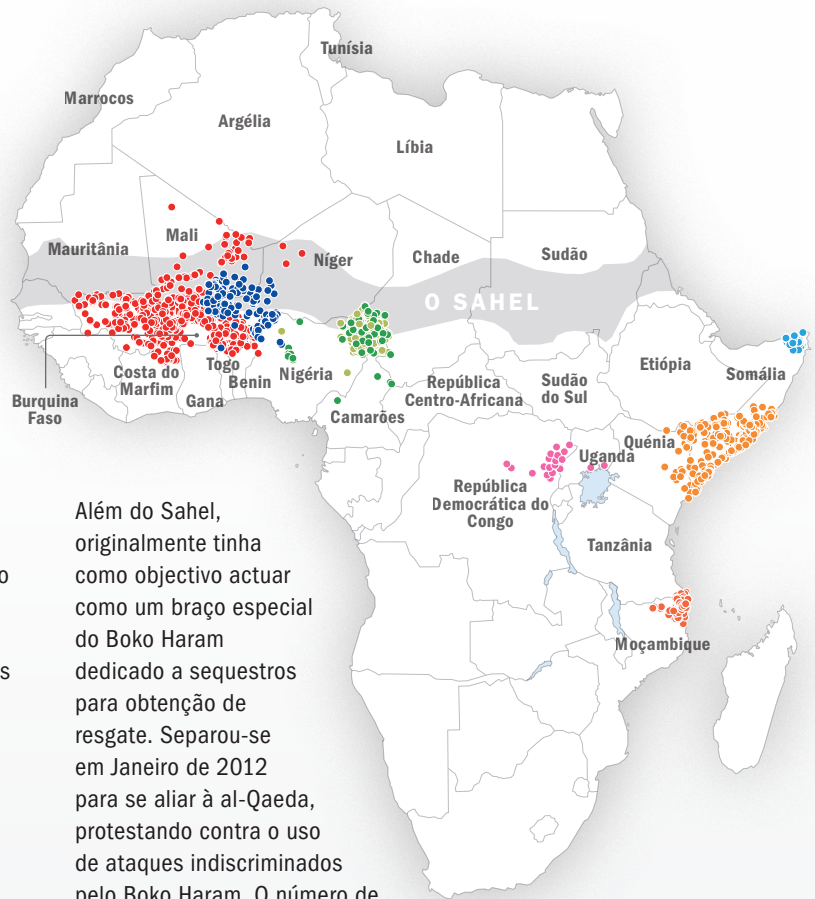
Ele explora as queixas e diferenças locais para expandir o seu apoio na região. Financia as suas operações através do resgate de reféns, da cobrança de impostos aos residentes locais, do contrabando de armas e da extorsão de traficantes de seres humanos e de droga.

No final de 2025, realizou os seus primeiros ataques na Nigéria.

## ● O al-Shabaab jurou lealdade à al-Qaeda em 2012. O grupo pretende derrubar o governo somali e expulsar as forças estrangeiras. Em 2025, o grupo era a componente mais rica da al-Qaeda.

Estima-se que tenha entre 7.000 e 12.000 membros. Tornou-se particularmente hábil no uso de transmissões de rádio, sites e redes sociais para divulgar a sua propaganda para públicos locais e globais. O al-Shabaab mantém uma fortaleza no sul da Somália e realiza operações principalmente nessa região, mas, às vezes, também no Quênia e na Etiópia.

## ● O Ansaru, também conhecido como al-Qaeda nas Terras



Além do Sahel, originalmente tinha como objectivo actuar como um braço especial do Boko Haram dedicado a sequestros para obtenção de resgate. Separou-se em Janeiro de 2012 para se aliar à al-Qaeda, protestando contra o uso de ataques indiscriminados pelo Boko Haram. O número de membros é desconhecido.

Opera no noroeste da Nigéria e na área da tríplice fronteira entre Benin, Níger e Nigéria. O grupo recruta membros entre as populações locais, prestando serviços e protecção em áreas mal servidas pelos governos nacionais.

## ● O Boko Haram pretende estabelecer um Estado islâmico na Nigéria, livre da educação e da influência ocidentais. Desde a sua fundação em 2002, o Boko Haram tem sido, por vezes, associado à al-Qaeda e ao EI, mas os investigadores acreditam que não está

Dados cartográficos do Centro de Estudos Estratégicos de África, mostram eventos violentos envolvendo os grupos listados, de 1 de Julho de 2024 a 30 de Junho de 2025, e o projecto ACLED mostra outros ataques. Os ataques do JNIM também incluem ataques atribuídos a grupos terroristas relacionados.

Embora os dois grupos utilizem a violência para derrubar governos e controlar a sociedade usando uma interpretação rigorosa da Sharia, os seus métodos e táticas podem diferir. Ao contrário do EI, a al-Qaeda tem enfatizado uma insurgência de longo prazo com alianças locais e refúgios seguros, de acordo com a Brookings Institution.

## GRUPOS FRAGMENTADOS

À medida que as franquias de grupos terroristas evoluem, as suas agendas podem mudar, de acordo com a Pesquisa sobre Conflitos Armados de 2023.

“Os grupos jihadistas da região têm evoluído, tornando-se muito mais localizados e entrelaçados com conflitos comunitários e étnicos,” a editora Irene

Mia escreveu no site do instituto quando a pesquisa foi publicada. “As suas ligações internacionais com o Estado Islâmico e a al-Qaeda enfraqueceram, e as conexões entre grupos insurgentes parecem agora limitar-se a colaborações intra-regionais.”

Apesar das diferenças e rivalidades entre o EI e a al-Qaeda, ambos querem estabelecer governos com “um regime religioso inabalável, onde tudo o que é moderno e liberal é proibido,” o Dr. David Doukhan disse num relatório de 2025 intitulado “O nascimento de um Estado jihadista está mais próximo do que nunca na África Ocidental.”

Doukhan afirmou que, na África Ocidental, as organizações não se contentam com as áreas que já controlam, mas estão “a caminho dos países do Golfo da Guiné.”

afiliado a nenhum dos dois grupos.

Opera principalmente no nordeste da Nigéria e também realiza ataques nos Camarões, no Chade e no Níger. Desde 2021, o Boko Haram perdeu muitos dos seus combatentes e algum território para um grupo rival do EI, mas continua os seus ataques na região do Lago Chade. Conta com cerca de 1.500 membros.

- **O EI na África Central (EI-CA)** começou como um grupo insurgente antigovernamental no Uganda e tornou-se uma filial do EI em 2019. É um dos grupos terroristas mais letais de África, tendo matado milhares de civis. O EI divulga os ataques da filial na sua propaganda.

Opera principalmente nas províncias do Kivu do Norte e de Ituri, na República Democrática do Congo, e também realiza ataques no Uganda. Acredita-se que tenha entre 1.000 e 1.500 membros.

**O EI na Líbia** é um dos vários grupos terroristas que surgiram após as duas guerras civis na Líbia, com o objectivo de estabelecer um califado anticidental. O grupo realizou ataques, sequestros e execuções contra uma grande variedade de alvos no Norte de África. Também tentou expandir o EI para outros países africanos.

Chegou a ter 6.000 membros, a maioria dos quais serviu como combatentes estrangeiros na Síria. Actualmente, conta com cerca de 100 a 500 combatentes a operar em brigadas descentralizadas de guerrilha no deserto e células em rede. Alguns investigadores afirmam que a organização está inactiva há algum tempo.

- **O EI em Moçambique**, ou Ansar al-Sunna, pretende derrubar o governo moçambicano e expulsar as influências estrangeiras. Altuna afirmou que o grupo começou “apenas como uma insurgência islâmica, sem ligações a qualquer organização jihadista global,” mas tornou-se suficientemente grande para ser “de alguma forma aceite sob a protecção do califado.” O EI reconheceu publicamente a filial em 2019

e fornece-lhe assistência técnica e apoio financeiro, além de impulsionar os seus ataques na sua propaganda.

Conta com cerca de 300 combatentes e opera principalmente na província nortenha de Cabo Delgado. Desde 2021, tem ameaçado projectos de gás natural liquefeito na região, levando algumas empresas a cessar as suas operações.

- **O EI na Província do Sahel** opera principalmente no Burquina Faso, no Mali e no Níger. Originalmente, estava associado a um grupo alinhado com a al-Qaeda e separou-se em 2015 para jurar lealdade ao EI, que o reconheceu como filial em 2022. Expandiu significativamente o seu controlo territorial para algumas áreas rurais, incluindo a região da fronteira tríplice de Liptako-Gourma, entre o Burquina Faso, o Mali e o Níger.

Shtuni afirma que conta com entre 2.000 e 3.000 combatentes. “Em comparação, a força desta filial era estimada em 425 combatentes no final de 2018,” disse.

- **O EI na Somália** apoia as operações globais do EI, angariando fundos, recrutando combatentes internacionalmente e planeando ataques fora de África. Foi formado por desertores do al-Shabaab. Jurou lealdade ao EI em 2015 e ganhou o seu reconhecimento como filial em 2018.

É uma das filiais mais lucrativas do EI, ganhando milhões de dólares por ano com extorsão. Com 700 a 1.500 combatentes, opera principalmente nas montanhas Golis, na região de Bari, no Estado semiautónomo da Puntlândia, na Somália.

- **O EI na Província da África Ocidental (ISWAP)** é uma das maiores e mais letais filiais do EI. Controla vastas áreas de território e já matou ou deslocou milhares de pessoas na Nigéria e nos países vizinhos. A filial foi formada em 2015 depois de separar-se do Boko Haram. Colabora com o EI na Província do Sahel.

Com cerca de 4.000 a 7.000 combatentes, opera principalmente no nordeste da Nigéria, com focos em toda a região do Lago Chade, na fronteira entre Camarões, Chade, Níger e Nigéria.


A Coligação Global Contra o Daesh foi formada em 2014 para enfrentar o EI e os seus afiliados. De acordo com o Centro Internacional do Combate ao Terrorismo (ICCT), a coligação de 85 países enfraqueceu significativamente o EI no Iraque e na Síria e agora voltou a sua atenção para os grupos terroristas de África. Ela chama os grupos de “ameaça em evolução.”

A coligação afirma que existem cinco abordagens estabelecidas para as campanhas antiterroristas:

1. Derrotar e destruir o EI através de acção militar.
2. Combater o financiamento e as infra-estruturas económicas dos grupos.
3. Impedir o fluxo de combatentes terroristas estrangeiros através das fronteiras.

4. Apoiar a estabilização e a restauração dos serviços públicos essenciais.
5. Combater a propaganda dos grupos.

“Com a propagação sem precedentes do jihadismo violento no continente africano, a Coligação está certa em fazer da África a sua nova prioridade,” relatou o ICCT em 2022. “Mas, mais importante ainda, os esforços da Coligação para enfraquecer o Estado Islâmico em África não podem ser uma repetição das suas actividades anteriores noutras partes do mundo. Os objectivos, capacidades e padrões de violência dos afiliados do Estado Islâmico em África apresentam novos desafios que devem dar origem a novas perspectivas estratégicas.” □



A  
LIGAÇÃO  
ENTRE O  
CRIME  
E O  
TERRORISMO

# TERRORISTAS CRIAM PARCERIAS COM GRUPOS CRIMINOSOS ORGANIZADOS PARA OBTER LUCRO E ACESSO TERRITORIAL

EQUIPA DA ADF

**N**o que foi descrito como uma operação inédita que visa o financiamento do terrorismo pelo crime, as autoridades, em colaboração com a Interpol e a Afripol, prenderam 83 pessoas em seis países africanos.

As autoridades conceberam a Operação Catalyst, divulgada no final de 2025, para identificar e desmantelar redes financeiras ligadas ao terrorismo. A Interpol fez 21 detenções por crimes relacionados com o terrorismo, 28 detenções por fraude financeira e branqueamento de capitais, 16 por burlas cibernéticas e 18 por utilização ilegal de criptomoedas.

A Interpol observou que rastrear o financiamento do terrorismo é uma tarefa

particularmente complexa, envolvendo crimes como fraude, sequestro para obtenção de resgate, comércio ilegal, burlas online, esquemas Ponzi e uso indevido de activos criptográficos.

“Estas actividades ilegais podem estar ligadas ao financiamento do terrorismo directamente — quando grupos terroristas recebem fundos de tais esquemas — ou indirectamente, através de branqueamento de capitais ou redes intermediárias,” relatou a Interpol. “Estas ligações destacam como diferentes formas de crime estão cada vez mais interligadas.”

Os investigadores estudam as ligações entre o terrorismo e o crime organizado há anos. Em princípio, eles parecem não

**Trincheiras cercam Monguno, na Nigéria, para protegê-la contra incursões terroristas do Boko Haram. O Exército da Nigéria opera 12 postos de controlo em Monguno.**

AFP/GETTY IMAGES



ter objectivos comuns. Grupos terroristas normalmente alegam motivos ideológicos, religiosos e políticos para justificar os seus ataques. Grupos do crime organizado traficam drogas, sequestram pessoas e realizam operações de extorsão e contrabando para ganhar dinheiro, sem nenhuma ideologia subjacente. Mas as autoridades e os estudiosos afirmam que os terroristas e os criminosos africanos trabalham juntos num “nexo.”

A revista britânica *Stability* afirma que o nexa entre o crime e o terrorismo ocorre em três fases: coexistência, com os dois grupos a operarem no mesmo espaço, mas com interacção limitada; cooperação, quando colaboram através de interesses alinhados; e convergência, quando os dois grupos se fundem.

O nexa entre o crime e o terrorismo pode evoluir a ponto de os dois grupos começarem a usar os métodos, os trabalhadores e as rotas de viagem uns dos outros, de acordo com um relatório de 2025 publicado na revista *International Journal of Police Science* pelos Drs. John Sullivan e Irina Chindea.

O estudo mostra que, com o tempo, as relações entre os terroristas e os criminosos passaram de uma simples coexistência para uma cooperação activa, com táticas, financiamento e redes comuns. Os países estão a descobrir que as suas estratégias de recolha de informações já não se enquadram nas categorias tradicionais de crime ou terrorismo.

As Nações Unidas acompanham as ligações entre o crime organizado e o terrorismo através do Instituto Inter-regional das Nações Unidas para a Investigação sobre o Crime e a Justiça. Fundado em 1968, o objectivo original do instituto era pesquisar a prevenção do crime e a justiça criminal. “Em toda a África, uma ameaça crescente paira: as ligações complexas entre o crime organizado e o terrorismo,” observou o instituto. “As nefastas interligações entre estes fenómenos comprometem a paz, a segurança e o desenvolvimento socioeconómico, minando a estabilidade política e a resiliência das comunidades.”

Em países de toda a África, os extremistas estão a tomar conta de áreas rurais remotas e desprotegidas, extorquindo impostos em troca de protecção e serviços básicos, como acesso a estradas e alimentos. Esses terroristas aprenderam a trabalhar com criminosos para conseguir o que querem.

A cooperação entre grupos terroristas como o Boko Haram e o Jama’at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM) e o crime organizado em África “tende a ser pragmática e assimétrica, e assume definitivamente formas

---

Vítimas deslocadas do Boko Haram num campo em Maiduguri, na Nigéria, participam num workshop de formação em segurança sobre como identificar dispositivos explosivos improvisados. REUTERS



diferentes,” o Dr. Sergio Altuna, investigador sénior do Programa sobre Extremismo da Universidade George Washington, disse à ADF.

“O Boko Haram e o JNIM são as duas principais organizações terroristas presentes,” disse. “Ambos empregam táticas de controlo rural, o que significa que substituem o governo em locais onde este não tem legitimidade ou presença. Estamos a falar de grandes áreas de território.”

Altuna disse que esses terroristas impõem impostos e taxas de protecção em áreas remotas e em grande parte sem governo.

Os extremistas e criminosos desenvolveram “uma capacidade crescente de perturbação económica transfronteiriça, que inclui sequestros para financiamento directo,” disse Altuna.

O resultado dessa ligação entre o terrorismo e o crime não substitui a governação real, disse. “Não é um representante legítimo da população; é religiosamente ilegítimo e também incapaz de satisfazer as necessidades mais básicas da população, incluindo, é claro, combustível, e permite que as escolas ou o sistema público deixem de funcionar normalmente.”

O Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais classifica os cartéis e outros grupos criminosos como organizações criminosas transnacionais, ou OCT. O centro

classifica extremistas políticos e religiosos como organizações terroristas estrangeiras, ou OTE.

“A principal diferença entre OTE e OCT é que as OTE, por definição, perseguem objectivos políticos, enquanto as OCT são ideologicamente mais agnósticas e motivadas principalmente pelo lucro,” afirmou o centro num relatório de Outubro de 2025. O centro observou que, em algumas partes do mundo, nos últimos 20 anos, as “realidades operacionais” das organizações terroristas e criminosas transnacionais tornaram-se “tão indistintas que é impossível diferenciá-las.”

A ONU afirma que criminosos e terroristas aprendem uns com os outros. Os terroristas utilizam grupos do crime organizado como fonte de dinheiro e aproveitam a experiência criminoso das pessoas que recrutam. Os grupos do crime organizado podem adoptar técnicas, táticas e cadeias de abastecimento terroristas.

“A violência extrema é um dos mecanismos para enfraquecer o Estado e preparar o terreno para fortalecer as várias redes criminosas,” relatam Sullivan e Chindea. Eles afirmam que as actividades diárias de alguns grupos

---

Um membro da família chora as vítimas de um ataque terrorista do Boko Haram em Babban Gide, na Nigéria. Cerca de 150 terroristas armados com espingardas e granadas de foguete atacaram em motorizadas. AFP/GETTY IMAGES



terroristas “assemelham-se muito às actividades comumente associadas ao crime organizado.” Os terroristas são conhecidos por sequestrar pessoas, comercializar artefactos, contrabandear armas, invadir bancos, fábricas e outras estruturas, extorquir e intimidar, além de participar na prostituição e no tráfico de pessoas.

As raízes dessa conexão incluem a interação entre redes criminosas e terroristas dentro das prisões, segundo a reportagem da Journal. Os criminosos são atraídos pelas narrativas terroristas como justificativa para o crime e podem achar úteis as habilidades terroristas. O estigma do terrorismo passado pode complicar a reintegração social e tornar o crime uma alternativa para antigos prisioneiros, escreveram os autores.

### AUMENTO DO ABUSO DE DROGAS

Como noutras partes do mundo, os problemas de gestão, segurança e pobreza do Sahel tornaram a região susceptível ao abuso de drogas. Jovens desiludidos têm recorrido a drogas de baixo custo, como tramadol e outros opióides sintéticos, informou o Instituto de Estudos de Segurança (ISS). As drogas são uma fonte de receita para o crime organizado, enquanto tornam os jovens vulneráveis ao recrutamento por redes criminosas. Por sua vez, grupos terroristas como o Boko Haram e o JNIM cobram impostos nas rotas de contrabando de drogas para financiar as suas actividades. Com terroristas e redes criminosas a partilhar as rotas de contrabando de drogas, a linha entre motivos ideológicos e lucrativos praticamente desaparece.

O Atlantic Council alerta que as ligações de distribuição de drogas entre o crime organizado e os terroristas podem causar “narcoterrorismo numa escala até agora inédita e o fortalecimento de parcerias entre traficantes de drogas e grupos terroristas cada vez mais bem financiados.” O conselho observou que, mesmo quando os grupos terroristas não estão a gerir directamente o tráfico de drogas, “eles se beneficiam das rotas e da facilitação das operações dos traficantes de drogas nos territórios que controlam.”

Outra consequência nefasta da ligação entre terrorismo e crime é a proliferação de armas em toda a África. O terrorismo depende de armas, portanto, a intersecção

dos dois grupos seria quase inevitável. Os terroristas passaram de utilizadores de armas a verdadeiros parceiros na sua venda. As armas ligeiras e de pequeno calibre tornaram-se “uma mercadoria lucrativa de tráfico, sublinhando a ligação entre o terrorismo e o crime organizado transnacional,” de acordo com o Fórum Global de Combate ao Terrorismo. Os terroristas e os traficantes de armas em África beneficiam de fronteiras porosas e de uma presença policial limitada para contrabandear armas através das fronteiras.

Adedeji Ebo, vice-chefe de desarmamento da ONU, disse que, apesar das medidas para reforçar o controlo de armas, mais de um bilhão de armas de fogo estão em circulação em todo o mundo, sustentando conflitos, terrorismo e redes criminosas em várias regiões. “As armas desviadas dos arsenais nacionais — ou em qualquer ponto da cadeia de abastecimento — podem acabar nas mãos de grupos armados não estatais.”

“O comércio ilícito e o uso indevido de armas ligeiras e de pequeno calibre alimentam a violência armada, o terrorismo e o crime organizado,” afirmou, conforme relatado pela ONU em Novembro de 2025.

Uma base de dados da Interpol contém mais de 2 milhões de registos de armas perdidas, roubadas e traficadas, apoiando operações multinacionais “que apreenderam milhares de armas de fogo e desmantelaram redes ligadas ao terrorismo, ao tráfico e à mineração ilegal,” informou a ONU.

### RECURSOS, NÃO AS LEIS

A crise do crime organizado e do terrorismo no Sahel não é resultado de leis ou legislação deficientes; é a capacidade limitada da região de fazer cumprir as suas próprias

regras, informou o ISS. “Vastas áreas sem governo, condições socioeconómicas que fomentam a corrupção e a insegurança prolongada permitem que as economias ilícitas prosperem.”

O Processo de Nouakchott da União Africana de 2013 estabeleceu um mecanismo de cooperação para melhorar a partilha de informações e a cooperação em matéria de segurança no Sahel e noutras regiões, a fim de combater o terrorismo e o crime organizado transnacional. O processo inclui a Argélia, o Burquina Faso, o Chade, a Costa do Marfim, a Guiné, a Líbia, o Mali, a Mauritânia, o Níger, a Nigéria e o Senegal, bem como várias estruturas da UA, comunidades económicas regionais e a ONU.



O Serviço Nacional de Inteligência e a Comissão de Controlo de Drogas do Gana destroem cocaína apreendida no valor de milhões de dólares em Acra, em Junho de 2025. REUTERS



O ISS afirma que o relançamento do Processo de Nouakchott pode ser uma ferramenta útil, mas apenas se a UA o aplicar. O sucesso, segundo o instituto, depende de “superar a desconfiança, partilhar informações, implementar patrulhas conjuntas nas fronteiras e combater os enclaves criminosos e extremistas.”

Para incentivar a cooperação policial internacional, a Interpol está a unir as lutas contra o terrorismo e contra o crime organizado. Num resumo de 2025 das recomendações para as agências policiais, a Interpol incluiu “o reforço dos controlos nas fronteiras com parceiros regionais e internacionais para interromper o movimento de mercadorias ilícitas, pessoas contrabandeadas e suspeitos de terrorismo.”

O Conselho de Segurança da ONU desempenha um papel fundamental no apoio às iniciativas antiterroristas da UA. A vice-secretária-geral da ONU, Amina Mohammed, afirmou que os terroristas estão a tentar expandir a sua influência em mais partes do continente, como no Togo e na Costa do Marfim.

“Não nos enganemos,” disse numa reunião da ONU no início de 2025. “A este ritmo, na África Ocidental, o futuro está em risco. A marginalização dos jovens, aliada ao aumento do desemprego, deixa toda uma geração

vulnerável a grupos extremistas. Se não agirmos, corremos o risco de perder esta geração para os horrores do terrorismo, com o seu futuro roubado antes mesmo de terem a oportunidade de começar.”

As ameaças modernas à segurança incluem “cartéis criminosos, gangues, máfias, insurgentes e terroristas” que operam em escala global com características locais distintas, afirmaram Sullivan e Chindea no seu relatório de 2025. A recolha e a partilha de informações são fundamentais para interromper a conexão entre o terrorismo e o crime. Essas informações devem ser distribuídas entre uma série de actores globais, incluindo a polícia metropolitana, a polícia nacional e as agências de inteligência; autoridades de saúde para eventos biológicos; e agências de defesa civil, incluindo serviços médicos e de combate a incêndios.

Eles concluíram que a inteligência antiterrorista deve ser expandida para incluir esforços para “combater o crime organizado transnacional e os gangues, a fim de abordar de forma eficaz o apoio de inteligência para a ligação entre o crime e o terrorismo.” □

**Soldados nigerianos montam as suas espingardas de assalto durante um treino em Monguno, no Estado de Borno. A Nigéria tem assistido a um recente aumento nos ataques terroristas a bases militares.** AFP/GETTY IMAGES

# Quênia Coloca Veículos Blindados em Serviço



Veículo blindado Springback para transporte de pessoal

SERVIÇO NACIONAL DE POLÍCIA

EQUIPA DA ADF

O inventário de veículos blindados do Quênia continua a crescer com a aquisição de novos veículos blindados de transporte de pessoal Springback da África do Sul e veículos blindados de segurança M1117 dos Estados Unidos.

O Ministro do Interior, Onesimus Kipchumba Murkomen, encomendou os veículos na sede da Unidade de Serviços Gerais em Ruaraka. Murkomen disse que os veículos fazem parte do programa de modernização do governo, que tem visto uma grande redução na criminalidade, particularmente na parte norte do país, com uma queda de 70% no banditismo, informou a página da internet da defenceWeb. Os novos veículos serão utilizados para combater o roubo de gado, o banditismo e o terrorismo.

Os modelos Springback Standard Duty contam com proteção balística e podem resistir a uma mina terrestre TM57 directamente sob o casco ou duas sob qualquer roda. A empresa sul-africana DCD Protected Mobility desenvolveu os veículos, de acordo com a revista Military Africa. As forças armadas do Quênia operam o Springback há pelo menos cinco anos, com vários dispositivos explosivos improvisados (DEI) sobreviventes em operações ao longo da fronteira com a Somália.

Os veículos de transporte de pessoal M1117 protegem as tripulações com várias camadas de blindagem. Foram construídos para defender contra tiros de armas ligeiras, fragmentos de projectéis de artilharia, DEI e minas terrestres, de acordo com o Army Recognition Group.

Os veículos M1117 são provenientes dos recursos de defesa excedentes dos EUA. A Guarda Nacional de



Um veículo blindado de segurança M1117 Guardian

Massachusetts dos EUA está a ajudar o Quênia com a remodelação e o treino, em colaboração com o Corpo de Engenharia Eléctrica e Mecânica do Exército do Quênia. Os especialistas em manutenção dos EUA trocaram as melhores práticas sobre o M1117 com engenheiros quenianos no Quartel de Kahawa, em meados de 2025.

Em 2024, os EUA revelaram planos para transferir oito helicópteros UH-1 Huey e oito MD500 para o Quênia, juntamente com cerca de 150 veículos blindados M1117. O equipamento destina-se a ajudar o Quênia a proporcionar paz e segurança regionais e a participar em missões de manutenção da paz. Em Julho de 2024, o Quênia recebeu os dois primeiros de oito helicópteros UH-1. Os helicópteros também podem ser usados em assaltos aéreos, para destacar e evacuar tropas e para entregar mantimentos.

## Marinha Real Marroquina vai Adicionar Navio Patrulha

DEFENCEWEB

A construtora naval espanhola Navantia lançou um novo navio patrulha offshore para a Marinha Real Marroquina, com entrega prevista para 2026.

O navio Avante 1800 foi lançado em meados de 2025 no estaleiro da Navantia em San Fernando, Cádiz, Espanha. Ele estava a ser construído como parte de um contrato anunciado em Janeiro de 2021 e financiado por um empréstimo de 92 milhões de dólares de um grupo financeiro espanhol. O contrato levou anos para ser fechado, com Marrocos a manifestar interesse no início de 2020 por duas embarcações de patrulha, mas as negociações foram retardadas devido a questões diplomáticas.

A Navantia cortou o primeiro aço para a embarcação em Julho de 2023 e colocou a quilha em Setembro de 2024. A construção da embarcação de patrulha de 87 metros envolveu mais de um milhão de horas de trabalho e cerca de 1.100 empregos em três anos.

No lançamento, o representante da Marinha Real Marroquina, Capitão Mohammed El Fadili, chamou o projecto de “uma expressão dos profundos laços de amizade e cooperação que unem os Reinos de Marrocos e Espanha em geral, a Marinha Real e o estaleiro da Navantia em particular.”

Ele destacou as características de ponta da embarcação, “que incorporam plenamente a ambição da Marinha Real de adquirir uma frota eficaz, multifuncional e durável como parte da modernização de todas as Forças Armadas Reais.”

Os navios podem realizar vigilância e defesa costeira, protecção do tráfego marítimo, assistência sanitária a outros navios, combate a incêndios externos, controlo da poluição marinha, transporte, operações de busca e salvamento, intervenção rápida, apoio a mergulhadores, defesa de superfície e guerra electrónica passiva.

O projecto original inclui um canhão de 76 mm, sistema de lançamento de mísseis, sensores e radares modernos e um heliporto.

Um navio da Marinha marroquina faz patrulha perto da fronteira com o enclave espanhol de Ceuta. THE ASSOCIATED PRESS



## Botswana Vai Expandir a Frota de Transporte Aéreo

DEFENCEWEB

**O** Botswana planeia adquirir dois aviões de transporte C-130H Hercules, cada um avaliado em 12 milhões de dólares, dos Estados Unidos.

Enquanto se aguardam as inspecções das aeronaves e as negociações sobre investimentos adicionais por parte de ambos os países, as aeronaves acabarão por se juntar ao C-130H entregue em Junho de 2024, que voa com a Força Aérea da Força Armada do Botswana (BDF). A Embaixada dos EUA afirmou que a doação proposta reforçaria ainda mais as capacidades estratégicas de transporte aéreo do Botswana para missões humanitárias, de manutenção da paz e de segurança regional.

“Estas aeronaves demonstram a forte parceria entre os Estados Unidos e o Botswana e o nosso compromisso comum com a promoção da paz e da segurança em toda a África,” afirmou a embaixada.

O C-130H que o Botswana adquiriu em 2024 foi entregue ao abrigo do programa Excess Defense Articles da Força Aérea dos Estados Unidos. Na altura da entrega, os EUA afirmaram que iria melhorar a capacidade do Botswana para apoiar missões militares, humanitárias e de resposta a emergências a nível local e na região da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC).

A BDF opera C-130 há muitos anos. Adquiriu três C-130B Hercules para o Esquadrão Z10 através do Programa de Parceria Estadual do Gabinete da Guarda Nacional dos EUA.

Desde 1997, a frota de C-130B tem sido a espinha dorsal das operações aéreas militares do Botswana. As Forças Armadas têm-nas utilizado como um instrumento do poder nacional do Botswana. Ao longo dos anos, as missões dos C-130 incluíram o apoio à missão das Nações Unidas no Sudão, missões da União Africana, operações da Missão da SADC em Moçambique, exercícios de cooperação em matéria de segurança, tais como exercícios de poder aéreo da SADC, e exercícios das forças especiais com forças internacionais.

O C-130 entrou ao serviço dos EUA em 1956 e está em produção há 70 anos. Os especialistas estimam que continuará a ser fabricado durante pelo menos mais uma década.

Líderes dos EUA participam na cerimónia de transferência de um avião C-130H para a Força de Defesa do Botswana em Junho de 2024.

CABO MARY LINNIMAN/CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS DOS EUA



## QUÊNIA APELA À IA QUE **MELHORE** A SEGURANÇA COLECTIVA

EQUIPA DA ADF

A Ministra da Defesa do Quênia, Soipan Tuya, está a exortar os países africanos a assumirem a liderança para garantir que a inteligência artificial melhore a vida dos cidadãos e não os prejudique.

Ela falou no workshop regional africano de 2025 sobre o uso responsável da inteligência artificial no domínio militar (REAIM) em Nairobi, que reuniu delegados e militares de 17 países.

“Temos de garantir que a IA melhora a nossa segurança colectiva, ao mesmo tempo que defende o direito internacional humanitário e protege as populações civis,” disse aos participantes.

A reunião teve como objectivo consolidar as melhores práticas, avançar com quadros regulamentares e éticos para a IA na defesa e reforçar as parcerias entre governos e organizações de investigação. Os participantes procuraram identificar prioridades específicas de África em matéria de IA para a paz, a segurança e os direitos humanos.

O Quênia emergiu como líder global no esforço para garantir o uso responsável e ético da IA. Em 2024, co-organizou a conferência inaugural da REAIM na Coreia do Sul e foi um dos 60 signatários de um plano para o uso produtivo da IA nas forças armadas.

A Major-General Joyce Sitienei, do Centro de Estudos de Segurança e Estratégia da Universidade Nacional de Defesa do Quênia (NDU-K), disse aos participantes em Nairobi que as instituições de ensino militar devem ajudar a resolver questões éticas relacionadas com a IA e devem ser incubadoras de inovação e liderança em IA.

“O compromisso da NDU-K com a IA responsável é garantir que a inovação fortaleça a nossa segurança, ao mesmo tempo que protege a humanidade,” afirmou. “Essa é a verdadeira medida da liderança.”

Tuya também exortou os líderes do sector da IA a incluírem os jovens no processo de planeamento, dado que eles serão os mais afectados pelo rápido crescimento da IA e em breve serão responsáveis por traçar o seu rumo.

“Se não os envolvermos nas discussões sobre o uso responsável da IA, trazendo à tona a questão das estruturas éticas, dos direitos humanos e da dignidade humana, continuaremos a ver o uso muito preocupante e irresponsável da IA e da tecnologia,” aconselhou Tuya.

**A Ministra da Defesa do Quênia, Soipan Tuya, fala durante o workshop regional africano de 2025 sobre o uso responsável da inteligência artificial no domínio militar.**

FORÇAS DE DEFESA DO QUÊNIA

## Senegal Inicia Construção do Primeiro Observatório Astronómico da África Ocidental

EQUIPA DA ADF

O Senegal iniciou a construção do primeiro observatório astronómico óptico da África Ocidental, perto de Thies.

O observatório, supervisionado pela Agência Senegalesa de Estudos Espaciais, contribuirá para a crescente reputação do país como líder em investigação, inovação e formação espaciais. Incluirá um telescópio óptico de 600 mm concebido para observação de precisão e estudo de fenómenos celestes, e quatro telescópios Celestron com capacidade para investigação do céu profundo e astrofotografia.

Os líderes do sector espacial do Senegal afirmam que isso faz parte de um esforço nacional para abrir novas possibilidades e posicionar o país para competir na economia global de alta tecnologia.

“Queremos que as gerações mais novas não apenas sonhem com as estrelas, mas também imaginem carreiras no espaço,” disse Maram Kaïré, director-geral da agência. “O espaço deve ser uma alavanca para o crescimento e o desenvolvimento do nosso país. Temos 50 anos de atraso por recuperar, mas com determinação e antecipação, podemos conseguir.”



**Autoridades senegalesas lançam a primeira pedra para a construção do Observatório Astronómico do Senegal, no dia 13 de Novembro de 2025, em Khombole.**

AGÊNCIA SENEGALESA DE ESTUDOS ESPACIAIS

Além dos telescópios, o observatório incluirá um Instituto de Formação em Astronomia e Astrofísica e instalações de investigação. Os seus dispositivos de observação podem ser totalmente operados remotamente e irão recolher dados que se integram perfeitamente nas redes internacionais de investigação.

O Senegal teve um ano importante no desenvolvimento espacial em 2025, que incluiu a assinatura de um memorando de entendimento com a Axiom Space em Outubro para colaborar nos esforços para promover voos espaciais tripulados, a investigação em microgravidade e o desenvolvimento de infra-estruturas em órbita baixa da Terra. Em Julho, o Senegal tornou-se o 56.º signatário global dos Acordos de Artemis, que promovem a transparência, a exploração pacífica e a colaboração global no espaço exterior.



# ETIÓPIA E NIGÉRIA COLABORAM

## *em Drones Produzidos em África* EQUIPA DA ADF

**A** Etiópia e a Nigéria estão a unir forças para desenvolver uma frota de drones aéreos fabricados em África, capazes de aplicações civis e militares.

Em Julho de 2025, as autoridades etíopes receberam membros da Força Aérea Nigeriana em visitas às instalações de fabrico e manutenção de aeronaves da Etiópia. A Nigéria prometeu aos etíopes uma visita recíproca com foco nas instituições de formação militar da Nigéria.

As visitas constituem o mais recente passo para aumentar o número de veículos aéreos não tripulados (VANT) africanos num mercado inundado por tecnologia importada da China, do Irã e da Turquia.

Ao reunir recursos, dois dos fabricantes e utilizadores de drones mais experientes do continente podem desenvolver uma solução local para a procura de tecnologia de drones pelos países africanos, de acordo com os analistas Ekene Lionel e Patrick Kenyette. Eles também podem inspirar outros países africanos a desenvolver empreendimentos conjuntos semelhantes.

“Esta parceria tem implicações muito além do objectivo imediato da co-produção de VANT,” Lionel e Kenyette escreveram para o site Military Africa.

“Representa um modelo de como os países africanos podem enfrentar desafios comuns por meio da cooperação, aproveitando os seus pontos fortes para alcançar o progresso colectivo.”

A Nigéria estabeleceu-se como um centro de fabrico de drones. O primeiro drone do país, o Tsaigumi, foi lançado em 2018 para fins de inteligência, vigilância e reconhecimento. Mais recentemente, a Nigéria desenvolveu um drone kamikaze conhecido como Damisa, em parceria com a empresa de tecnologia Briech UAS. A maior fábrica de drones de África, a TerraHaptix, tem capacidade para produzir 10.000 unidades por ano na capital da Nigéria, Abuja.

A Etiópia inaugurou a empresa estatal SkyWin Aeronautics Industries em Março de 2025 para começar a produzir drones numa fábrica em Adis Abeba. O Primeiro-Ministro da Etiópia, Abiy Ahmed, descreveu as novas capacidades de drones do seu país como “inimagináveis há apenas alguns anos.”

O Egipto, o Quénia, a África do Sul e o Sudão também estão a produzir drones. O Marrocos abriu uma fábrica em 2024 para montar os drones WanderB e ThunderB, projectados por Israel. O Marrocos tem usado esses VANT para missões de reconhecimento, inteligência e identificação de alvos.

**Membros da Força Aérea Nigeriana visitam o Quartel-General da Força Aérea da Etiópia em Julho de 2025, como parte de uma delegação para fortalecer os laços entre as duas nações.**

QUARTEL-GENERAL DA FORÇA AÉREA NIGERIANA

## Senegal e Mauritânia Lançam Patrulhas Conjuntas Com a Ameaça do Terrorismo a Pairar



Soldados senegaleses destacados para patrulhar o rio perto de Bakel encontram-se com os seus homólogos mauritanos para melhorar a segurança nas fronteiras.

EQUIPA DA ADF | FOTOS POR DIRPA

**A**s forças armadas do Senegal e da Mauritânia intensificaram as operações conjuntas de segurança ao longo da fronteira comum, em resposta ao aumento do terrorismo na região.

Ambos os exércitos patrulharam um rio que cobre várias localidades entre Bakel-Aroundou e Diougountourou, na fronteira com o Mali, em Outubro de 2025, de acordo com a Direcção de Informação e Relações Públicas das Forças Armadas do Senegal (DIRPA). Isso vem na sequência de uma patrulha conjunta em terra realizada em Setembro na mesma área.

Os países, separados pelo Rio Senegal, estabeleceram uma colaboração mais estreita, numa altura em que grupos terroristas do oeste do Mali tentam explorar as fraquezas e avançar em direcção à costa. Em Julho de 2025, o grupo terrorista Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin, conhecido como JNIM, atacou as regiões de Kayes, Nioro e Ségou, perto da área da tríplce fronteira, antes de bloquear cidades com ligações comerciais ao Senegal e à Mauritânia. O terrorismo abrandou o comércio ao longo do corredor Kidira-Bamako, que é vital para a economia regional.

Em Abril de 2025, o Ministro das Forças Armadas do Senegal, Birame Diop, visitou Nouakchott e reuniu-se com o Ministro da Defesa da Mauritânia, Hanana Ould Sidi. Os dois líderes salientaram a necessidade de mais patrulhas conjuntas, troca de informações e

conhecimentos especializados e cooperação para travar o movimento de traficantes e terroristas.

Os observadores acreditam que é vital que ambos os países colaborem para manter a ameaça fora das suas fronteiras.

“É melhor prevenir do que remediar e, hoje, os senegaleses e os mauritanos têm todo o interesse em cooperar,” Boubacar Ba, analista político senegalês, disse à Africa24. “Isto não é apenas para garantir a segurança nas suas fronteiras, mas também para partilhar informações, porque hoje a guerra contra os jihadistas é também, em grande medida, uma guerra externa.”



Soldados senegaleses e mauritanos patrulham o Rio Senegal.

## A Estratégia de Combate aos DEI da Somália é Um Esforço de ‘Toda a Sociedade’

EQUIPA DA ADF



**A Somália revelou uma estratégia nacional destinada a combater os dispositivos explosivos improvisados (DEI), a arma preferida do grupo terrorista al-Shabaab.**

O esforço está em curso desde 2023, quando especialistas realizaram uma avaliação de base das capacidades do país em matéria de C-DEI. A nova estratégia, anunciada num evento em Setembro de 2025 em Mogadíscio, fornece uma estrutura para adicionar mais unidades de neutralização de engenhos explosivos ao Exército Nacional da Somália e melhorar a colaboração entre agências.

“Este é um marco histórico para o nosso país. Nunca antes tivemos uma estrutura unificada e de propriedade nacional para lidar com a ameaça dos DEI,” disse Awes Hagi Yusuf Ahmed, conselheiro de segurança nacional da Somália. “Esta estratégia representa uma mudança decisiva de medidas reactivas para uma abordagem proactiva, baseada em

**Um sapador somali treina para localizar engenhos explosivos e minas perto da fronteira com a Etiópia.** SERVIÇO DE ACÇÃO CONTRA MINAS DAS NAÇÕES UNIDAS

inteligência e ancorada na propriedade nacional.”

A estratégia ajudará as autoridades somalis a implementar rapidamente novas leis e regulamentos, particularmente aqueles necessários para controlar o acesso a produtos químicos usados na fabricação de bombas. Estabelecerá um sistema nacional de rastreamento electrónico de materiais usados em bombas.

Também prevê um centro nacional de C-DEI e estratégias para melhorar a segurança nas fronteiras, desmantelar redes financeiras terroristas e educar o público sobre a ameaça.

“Isso não é apenas um esforço militar,” afirmou o Ministro da Defesa da Somália, Ahmed Moallim Fiqi. “É uma missão de todo o governo e de toda a sociedade para salvaguardar as vidas somalis e garantir o nosso futuro.”

Os explosivos têm causado grandes prejuízos ao país. Em 2024, mais de 600 explosões de DEI mataram ou feriram mais de 1.400 pessoas. Na última década, 61% das vítimas foram civis somalis, de acordo com o grupo Action on Armed Violence. A Somália foi o quinto país mais afetado por DEI a nível do mundo em 2024.

As Nações Unidas têm liderado os esforços para ajudar a Somália a melhorar os seus conhecimentos em matéria de C-DEI. O Serviço de Acção Contra Minas da ONU formou e equipou 61 equipas somalis de neutralização de engenhos explosivos e ministrou cursos de formação de formadores para garantir que o conhecimento fosse disseminado por todo o exército. O serviço também formou 21 equipas de neutralização de minas da Polícia da Somália.

## Museu das Forças Armadas da Nigéria Será ‘Mais do Que Apenas um Edifício’

EQUIPA DA ADF

**A** Nigéria anunciou planos para abrir um Museu das Forças Armadas que honrará o seu património militar, preservando o passado e promovendo estudos para orientar o seu futuro.

O General Christopher Musa, então chefe do Estado-Maior da Defesa da Nigéria, descreveu o projecto como uma iniciativa histórica e disse que ele será inaugurado em 2026 num terreno de 4 hectares em Abuja. “Servirá não apenas como um repositório de artefactos militares e registos de serviço, mas também como um centro de educação, turismo e oportunidades económicas,” explicou Musa.

Espera-se que o museu crie empregos para veteranos e civis e ofereça programas educativos imersivos e multilingues, projectados para estudantes de todo o país.

“Os museus são guardiões vitais da memória nacional,” disse Musa. “Queremos um museu que restaure a Nigéria a um padrão global, sirva como orgulho para os nossos militares e suas famílias e garanta que os sacrifícios dos nossos heróis nunca sejam esquecidos.”

O Contra-Almirante Olu Bankole, presidente do comité director do museu, descreveu-o como um “marco que transformará a forma como a Nigéria preserva a sua história militar.”

“Este museu é mais do que apenas um edifício. Conterá as histórias dos nossos heróis, preservará artefactos inestimáveis e inspirará as gerações futuras,” frisou Bankole. “A Nigéria

possui uma rica história de missões de manutenção da paz em toda a África e um legado de defesa da nossa integridade territorial. É mais do que justo que criemos um local para preservar e celebrar esse património.”

O Museu Nacional da Guerra da Nigéria, em Unuahia, foi inaugurado em 1985. Abriga artefactos usados por guerreiros pré-coloniais, uma exposição que traça a história do Exército nigeriano e artigos da era da Guerra de Biafra, incluindo aviões e navios usados em combate.



# UNMISS Devolve Terrenos ao Aeroporto do Sudão do Sul

UNMISS

**T**rês contingentes de engenharia da Missão das Nações Unidas no Sudão do Sul trabalharam sete dias por semana durante oito meses para limpar e melhorar os terrenos, para que pudessem ser devolvidos para uso pelo Aeroporto Internacional de Juba.

O governo do Sudão do Sul solicitou à missão de manutenção da paz, conhecida como UNMISS, que devolvesse os terrenos que ocupa junto ao aeroporto, a fim de melhorar a segurança da aviação e ajudar a atrair as principais companhias aéreas. A missão devolveu a primeira parcela de 2½ hectares no dia 14 de Novembro de 2025.

“Houve um investimento significativo de dinheiro e energia aqui, por isso, quero agradecer muito à UNMISS por agregar valor ao Aeroporto Internacional de Juba,” Daffalla Habib Awongo, então director-geral interino da Autoridade de Aviação Civil do Sudão do Sul, disse na cerimónia de entrega. “Continuaremos a trabalhar em parceria com a missão para garantir que tornemos o aeroporto moderno, seguro, confiável e eficiente.”

O projecto extenso e dispendioso começou em Março de 2025, quando a missão foi forçada a fechar e reduzir as bases em todo o país, diminuir o número de soldados de

paz e cortar o seu orçamento operacional, devido à falta de financiamento da ONU.

Para libertar o terreno, a missão teve de remover 300 contentores e realojar o seu hangar e muitas unidades de alojamento. Os engenheiros de manutenção da paz lutaram contra a longa e intensa estação chuvosa para nivelar e compactar o solo, construir aquedutos e limpar os sistemas de drenagem. Às vezes, os engenheiros tiveram de cavar 1,7 metros de profundidade para encontrar solo firme.

“Quando vi a topografia do solo, fiquei um pouco hesitante, porque esta área é pantanosa... com muito solo ruim que se expande com a chuva e depois se contrai,” disse Kat Mosety Monyjok, engenheiro e director-geral do aeroporto.

A missão também forneceu veículos e formação para capacitar a unidade de aviação do Sudão do Sul.

“Não consideramos esse esforço algo natural,” disse Awongo. “Isso atesta o nível de parceria que foi estabelecido com a UNMISS ao longo de muitos anos.”

Ainda há muito trabalho a ser feito para concluir a devolução de mais terras e para que as autoridades locais melhorem as instalações do aeroporto, incluindo a pavimentação de áreas de terra batida e a instalação de iluminação para melhorar a vigilância nocturna.



Trabalhadores da Missão das Nações Unidas no Sudão do Sul limpam o terreno para que ele possa ser devolvido ao Aeroporto Internacional de Juba. UNMISS

## Contingente Etíope Traz Cura à Missão na Somália AUSSOM

Como muitos outros, Saeed Osman Gabow visita um centro de saúde em Baidoa gerido pelo contingente etíope que serve na Missão de Apoio e Estabilização da União Africana na Somália, conhecida como AUSSOM.

“Não tenho condições financeiras para pagar os medicamentos,” disse Saeed, de 39 anos, que é do campo de Al-Aamin, em Baidoa, e tem deficiência visual. “Estou grato pelo atendimento gratuito.”

Todas as quartas-feiras, a equipa de cooperação civil-militar da Etiópia em Baidoa presta atendimento médico gratuito, atendendo centenas de pessoas deslocadas e vulneráveis. O Capitão Andualem Mamo, médico generalista do hospital de Baidoa, disse que “o acampamento médico é uma tábua de salvação. Ele nos permite prestar cuidados essenciais e fornecer medicamentos a muitas pessoas que, de outra forma, não teriam condições financeiras para isso.”

As tropas etíopes também realizam acções médicas em Diinsoor, Bardhere, Qansadhere, Burdhubo, Garbaharey e Berdale, cobrindo as regiões de Bay, Bakool e Gedo, na Somália.

Os profissionais de saúde concentram-se nas pessoas vulneráveis, sobretudo mulheres e crianças, e tratam condições como hipertensão, diabetes e doenças de pele. Os acampamentos médicos ajudam a missão a construir confiança, promover a colaboração, apoiar a recuperação pós-conflito e avançar o seu mandato.



Um homem com deficiência visual procura atendimento médico numa clínica em Baidoa, na Somália. AUSSOM

“Os cuidados de saúde regulares estão fora do alcance de muitos,” disse Mamo. “Ao fornecer estes serviços, ajudamos as pessoas a curar-se, fortalecemos as relações comunitárias e apoiamos a segurança.”

Mohamed Issack Ali, vice-comissário para a segurança e policiamento em Baidoa, agradeceu às tropas etíopes por protegerem a região e cuidarem dos seus residentes. “Eles fazem parte da nossa comunidade.”

O apoio etíope vai além das clínicas médicas semanais e inclui a doação de suprimentos médicos ao Hospital Regional de Bay, a principal unidade de saúde pública de Baidoa.

O Major Ahmed Adam, oficial de cooperação civil-militar da AUSSOM na Etiópia, disse que os cuidados de saúde gratuitos são apenas uma parte de um sistema de apoio mais amplo. “Ajudamos a comunidade de várias maneiras,” disse, de acordo com o site da AUSSOM. “Durante períodos de inundações ou deslocamentos, trabalhamos com organizações humanitárias para distribuir alimentos e itens essenciais não alimentares às pessoas afectadas.”



## Missão de Manutenção da Paz Responde ao Surto de Cólera

UNISFA

As forças de manutenção da paz das Nações Unidas responderam aos casos de cólera nas disputadas regiões fronteiriças entre o Sudão e o Sudão do Sul, em Abyei e Kadugli. Lançaram iniciativas centradas na saúde em toda a área de operação da missão, com o objectivo de proteger os soldados da paz e as comunidades locais.

Os soldados da paz da Força Interina de Segurança das Nações Unidas para Abyei (UNISFA) trabalharam com as autoridades de saúde locais para estabelecer um centro de isolamento de cólera. A instalação prestou serviços de tratamento e isolamento às pessoas afectadas. Os soldados da paz paquistaneses distribuíram medicamentos, máscaras, desinfetante, capas de chuva, redes mosquiteiras e roupas para apoiar a prevenção.

Noutro sector, os soldados da paz ganeses promoveram campanhas de sensibilização da comunidade. Estas incluíram a promoção da higiene e a assistência médica para apoiar grupos vulneráveis. Os soldados da paz proporcionaram educação sobre água potável, distribuíram pastilhas purificadoras e divulgaram mensagens de higiene. Também geriram clínicas para oferecer rastreios e tratamento básico.

Os soldados da paz ganeses noutro sector criaram um centro de isolamento para vacinação e tratamento contra a cólera para residentes locais e soldados da paz. Esta abordagem dupla protege as comunidades anfitriãs e o pessoal da missão, destacando o compromisso da UNISFA com a segurança sanitária e a prontidão operacional.

Enquanto Abyei enfrenta os desafios duplos dos riscos para a saúde pública e da instabilidade regional, as intervenções sanitárias da UNISFA sublinham o papel em evolução dos soldados da paz. Eles continuam a actuar como protectores e parceiros em tempos de crise.

A ONU aprovou a missão em meados de 2011, após problemas de segurança na região sudanesa do Cordofão do Sul. O exército etíope foi o único contribuinte de tropas até 2022, quando a ONU reconfigurou a missão para uma força multinacional com a chegada de um batalhão ganês. Desde então, países como o Nepal e o Vietname têm contribuído com tropas.

## MAURITÂNIA Assina Pacto de Defesa Com a República Checa

EQUIPA DA ADF

O Ministro da Defesa da Mauritânia e o seu homólogo checo assinaram um memorando de entendimento para cooperar em treino militar, tecnologias de defesa e treino de forças especiais e manutenção da paz.

O acordo inclui disposições para a partilha de conhecimentos checos quando necessário e visitas mútuas, de acordo com o site de inteligência Groupe ADIT. O acordo também permite a partilha de informações e a cooperação em matéria de combate ao terrorismo e segurança cibernética. Os países irão colaborar na protecção contra ameaças químicas, radiológicas, nucleares e cibernéticas, informou o ADIT.

O pacto consolida o compromisso da República Checa de treinar as forças armadas da Mauritânia durante dois anos. A colaboração, apoiada pela NATO, baseia-se numa relação crescente que o presidente checo, Petr Pavel, iniciou com a sua visita histórica à Mauritânia em Abril de 2025. Durante essa visita, Pavel enfatizou o papel estratégico da Mauritânia na garantia da estabilidade regional e da segurança europeia, afirmando que o país é um elemento-chave para deter as ameaças terroristas e o tráfico transfronteiriço, informou a Agência de Imprensa Africana.

Para além da segurança, a República Checa também pretende aumentar a sua presença económica na

Mauritânia, particularmente no comércio e nos minerais de terras-raras.

O comércio entre os dois países tem sido “modesto e desigual,” de acordo com o site Military Africa. Em 2024, as exportações checas para a Mauritânia ascenderam a 2,2 milhões de dólares, consistindo principalmente em maquinaria, equipamento eléctrico e produtos siderúrgicos. As exportações da Mauritânia para a República Checa foram muito menores, totalizando menos de 100.000 dólares e consistindo principalmente em frutos do mar, melões e pequenas quantidades de mercadorias não processadas.

“Apesar deste desequilíbrio, a parceria oferece benefícios claros para a Mauritânia,” observou o Military Africa. “Ela proporciona acesso a produtos industriais europeus acessíveis e de alta qualidade, oferecendo uma alternativa aos produtos chineses e preços mais competitivos do que os da Alemanha ou da França.”

O acordo enfatizou o treino das forças checas ao Exército da Mauritânia.

“Isso é de particular importância para a República Checa e a Europa, pois a Mauritânia é um dos poucos países remanescentes na África Ocidental onde as forças europeias ainda estão presentes,” informou o ADIT. Em 2024, a República Checa destacou mais de 20 instrutores no âmbito de uma missão militar da NATO para ajudar a treinar as Forças Especiais da Mauritânia.



Soldados checos participam num exercício da NATO. A Mauritânia e a República Checa estão a trabalhar em conjunto na formação.

THE ASSOCIATED PRESS

## RED LION

### DA ÁFRICA DO SUL TESTA A PRONTIDÃO MARÍTIMA

EQUIPA DA ADF

A França juntou-se ao exercício anual de preparação das forças da Marinha sul-africana, Red Lion, que terminou no final de Agosto de 2025.

A Marinha conduziu o programa de três semanas em vários locais de todo o país. Submeteu tripulações navais, embarcações e unidades de apoio a uma série de exercícios destinados a aprimorar as suas capacidades em diversos cenários, desde combate marítimo até resposta a desastres, informou o site Military Africa. O exercício envolveu militares e agências civis.

A operação enfatizou simulações práticas que reflectiam desafios do mundo real, como distúrbios civis e desastres naturais que afectam a segurança pública. Incluiu simulações de interações com a imprensa para lidar com comunicações públicas durante crises, instruções sobre protocolos de busca e salvamento, ligações de rádio entre embarcações e costa, medidas de segurança em torno de instalações navais e normas de segurança da aviação, informou o Military Africa.



O navio patrulha costeiro SAS Adam Kok III da Marinha Sul-Africana participou no exercício militar Red Lion.

FORÇA NACIONAL DE DEFESA DA ÁFRICA DO SUL

Uma característica importante ocorreu duas semanas após o início do exercício, quando os treinos ao largo de Durban destacaram a cooperação entre agências. Numa simulação coordenada de resgate marítimo, a Marinha uniu-se ao Instituto Nacional de Resgate Marítimo, ao Serviço de Polícia da África do Sul, à Unidade Marítima Alfandegária e à Força Aérea da África do Sul, informou o site defenceWeb. O esforço conjunto ressaltou o valor da acção unificada em emergências, onde respostas rápidas e sincronizadas podem fazer toda a diferença.

As sessões iniciais no mar incluíram uma simulação de assalto rápido à costa por um barco de patrulha portuária que se aproximava dos lados bombordo e estibordo de uma fragata e de um navio de patrulha. Outras operações incluíram prática de tiro real, manobras de reboque, manutenção de estações de voo, lançamento de embarcações de abordagem, exercícios de manuseamento de armas e exercícios envolvendo cartas náuticas.

A certa altura, o navio patrulha offshore Auguste Techer, da Marinha Francesa, juntou-se ao que parecia ser um exercício de passagem. O navio fez uma escala na África do Sul, que incluiu uma visita ao Museu Naval Sul-Africano, informou o site defenceWeb.

Antes de se dirigirem para o mar, as unidades da Província do Cabo Ocidental realizaram uma série de simulações em terra. Estas incluíram respostas a ameaças de bomba com evacuações de edifícios, incêndios a bordo de navios e aumento da segurança do perímetro em torno de instalações militares e de um estaleiro naval, segundo noticiou o Military Africa.

# UNIÃO EUROPEIA

## Reforça a Segurança na África Ocidental



DEFENCEWEB

**A** União Europeia concordou em apoiar Cabo Verde, a República Centro-Africana e o Senegal na melhoria da sua segurança e estabilidade.

Cabo Verde, um país composto por 10 ilhas vulcânicas, receberá 14 milhões de dólares ao longo de quatro anos da Facilidade Europeia para a Paz (EPF). Para além de reforçar as forças armadas de Cabo Verde, o dinheiro irá impulsionar a cooperação com as marinhas dos Estados da UE. A UE irá fornecer às Forças Armadas de Cabo Verde equipamento e serviços para patrulha e vigilância, incluindo a entrega de um navio de patrulha oceânico e formação.

O mandato da Missão de Formação Militar da UE na RCA foi prolongado até Setembro de 2026, com uma dotação de 13 milhões de dólares. A missão, criada em Abril de 2016, oferece aconselhamento estratégico e formação a suboficiais e oficiais das Forças Armadas da República Centro-Africana. Até ao momento, a missão formou e educou 9.500 militares da RCA e construiu uma nação moderna, eficaz, credível, etnicamente equilibrada e democraticamente responsável.

A UE concedeu ao Senegal um apoio de 11,6 milhões de dólares ao longo de três anos para ajudar as forças armadas do país a defenderem-se contra ameaças internas e externas. O financiamento será destinado a equipamento não letal e infra-estruturas operacionais para vigilância contínua terrestre e fluvial, recolha de informações e protecção das forças.

No Sahel, o Conselho da UE prorrogou o mandato da célula regional de aconselhamento e coordenação da Missão Civil de Reforço das Capacidades da UE no Mali. Esta célula apoia a cooperação regional e transfronteiriça no Sahel e reforça as capacidades nacionais no Burquina Faso, Chade, Mali, Mauritânia e Níger. Segundo o Conselho, a prorrogação não implicará quaisquer custos.

A EPF foi criada em Março de 2021 para financiar acções destinadas a prevenir conflitos, preservar a paz e reforçar a segurança e a estabilidade internacionais. Quando foi criado, o mecanismo tinha um limite financeiro inicial de 7,6 milhões de dólares, mas desde então esse limite foi aumentado três vezes. A maior parte do financiamento do mecanismo é destinada à Ucrânia.

**Soldados senegaleses preparam-se para dismantelar minas de ouro ilegais perto da fronteira com o Mali.**

AFP/GETTY IMAGES

## SOMÁLIA E TURQUIA

### Criam Parceria em Segurança Marítima

EQUIPA DA ADF

**PARA PROTEGER A MAIOR COSTA DE ÁFRICA**, a Somália assinou uma parceria de 10 anos com a Turquia para a segurança marítima e a fiscalização da lei.

A Somália perde 300 milhões de dólares por ano devido à pesca ilegal, não declarada e não regulamentada ao longo dos seus 3.300 quilómetros de costa no norte do Oceano Índico e no Golfo de Áden, de acordo com o projecto Enhancing Africa's Response to Transnational Organized Crime (ENACT). A Somália tem sido assolada pelo terrorismo, pirataria, governação fraca, instabilidade política e fiscalização ineficaz da lei.

A maior parte da pesca ilegal na Somália é realizada por embarcações pesqueiras estrangeiras. Um investigador de Mogadíscio disse ao ENACT que alguns operadores de embarcações estrangeiras obtêm ilegalmente licenças de pesca, tornando impossível para a Somália saber a quantidade de peixe que foi capturada. O investigador disse que o peixe é processado e exportado para os mercados mundiais.

A Turquia e a Somália assinaram o memorando de entendimento inicial em Fevereiro de 2024. A Turquia reforçará as capacidades de segurança marítima da Somália através de formação, operações conjuntas, partilha de informações e aquisição naval, informou o ENACT.

Em Abril de 2025, a Turquia aumentou a sua presença militar na Somália para 500 soldados após ataques do al-Shabaab perto de Mogadíscio, informou o site de notícias Middle East Eye. Isso representou cerca do dobro do número de soldados que a Turquia tinha na Somália. A Turquia mantém uma presença na Somália desde a primeira visita do presidente Recep Tayyip Erdoğan em 2011, no âmbito de uma missão humanitária.

O Quartel Anatolia da Turquia em Mogadíscio é a sua maior base de treino militar estrangeira. Treinou mais de 15.000 soldados somalis desde a sua inauguração em 2017, de acordo com o site de notícias Nordic Monitor.

Os dois países concordaram em atribuir terrenos para as embaixadas um do outro. Nos termos do acordo, a Turquia construirá um novo escritório e residência para a Embaixada da Somália em Ancara num terreno de 5.000 metros quadrados no enclave diplomático de Incek, de acordo com o Nordic Monitor. A Somália concedeu mais de 61.000 metros quadrados em Mogadíscio, que agora abriga o maior complexo diplomático da Turquia no exterior.

**Pescadores ancoram barcos na praia de Xamarweyne, em Mogadíscio, Somália.**

REUTERS



# AMINA, A RAINHA GUERREIRA

EQUIPA DA ADF

**A**mina de Zazzau nasceu princesa e foi criada em meio à riqueza e aos privilégios. Mas a sua mãe e o seu avô fizeram com que ela também fosse treinada como guerreira. Hoje, ela é lembrada como uma das grandes líderes militares da África Ocidental.

A princesa nasceu por volta de 1533 em Zazzau, um dos sete Estados originais do Reino Hausa, no que hoje é a Nigéria. Mesmo nos seus primeiros anos, o seu avô reconheceu a sua inteligência e porte. Ele treinou-a junto com os seus soldados, e ela acompanhava-o às reuniões do Estado. A sua mãe deu-lhe a responsabilidade por uma parte da capital, e Amina convocava conselhos diários.

Ela era a mais velha de três irmãos reais, mas tradicionalmente os homens herdavam o trono no reino de Zazzau. O seu irmão Karama tornou-se governante em 1566, durante um período de paz e prosperidade. Durante o reinado de 10 anos de Karama, Amina continuou o seu treino militar e estabeleceu-se como chefe da sua cavalaria. Quando o seu irmão morreu, ela sucedeu-o.

Como rainha, ela compreendeu a importância da força militar. As suas campanhas tornaram-se uma constante do seu reinado de 34 anos. Ela

liderou um exército de 20.000 homens na expansão do território de Zazzau e fez com que os governantes conquistados jurassem lealdade a ela.

Uma chave para o poder de Amina eram as rotas comerciais que ligavam o que hoje é o Sudão e o Chade ao Egito, a nordeste, e ao Níger e Mali, a norte. Ela garantiu passagem segura para os seus comerciantes e frequentemente usou o comércio como justificativa para a guerra com os reinos vizinhos que ameaçavam os comerciantes amigos.

O seu reino era avançado, mesmo antes de ela assumir o poder. Embora a maioria das pessoas nos territórios vizinhos fossem agricultores, o povo Zazzau também era habilidoso nas artes industriais do curtimento, tecelagem e metalurgia avançada. A metalurgia permitiu a Amina equipar os seus soldados com capacetes e cota de malha, tornando-a uma das primeiras a introduzir a guerra com armaduras na África Ocidental. Isso provou ser uma enorme vantagem militar.

Ela também foi responsável pela construção de barreiras fortificadas de terra conhecidas como Ganuar Amina — Muralhas de Amina — em torno dos acampamentos conquistados. Alguns desses acampamentos evoluíram para aldeias e cidades.

Algumas das muralhas ainda existem, incluindo uma estrutura de 15 quilómetros à volta da actual cidade de Zaria, na Nigéria.

Os historiadores dizem que as habilidades industriais de Amina transformaram a hierarquia do seu reino numa baseada mais na competência e no mérito do que na posição social e na tradição.

Morreu por volta de 1610, possivelmente durante uma campanha militar. Ela é homenageada em toda a Nigéria com estátuas e outros memoriais. Uma estátua, mostrando-a em batalha, fica no Teatro Nacional de Artes, em Lagos.

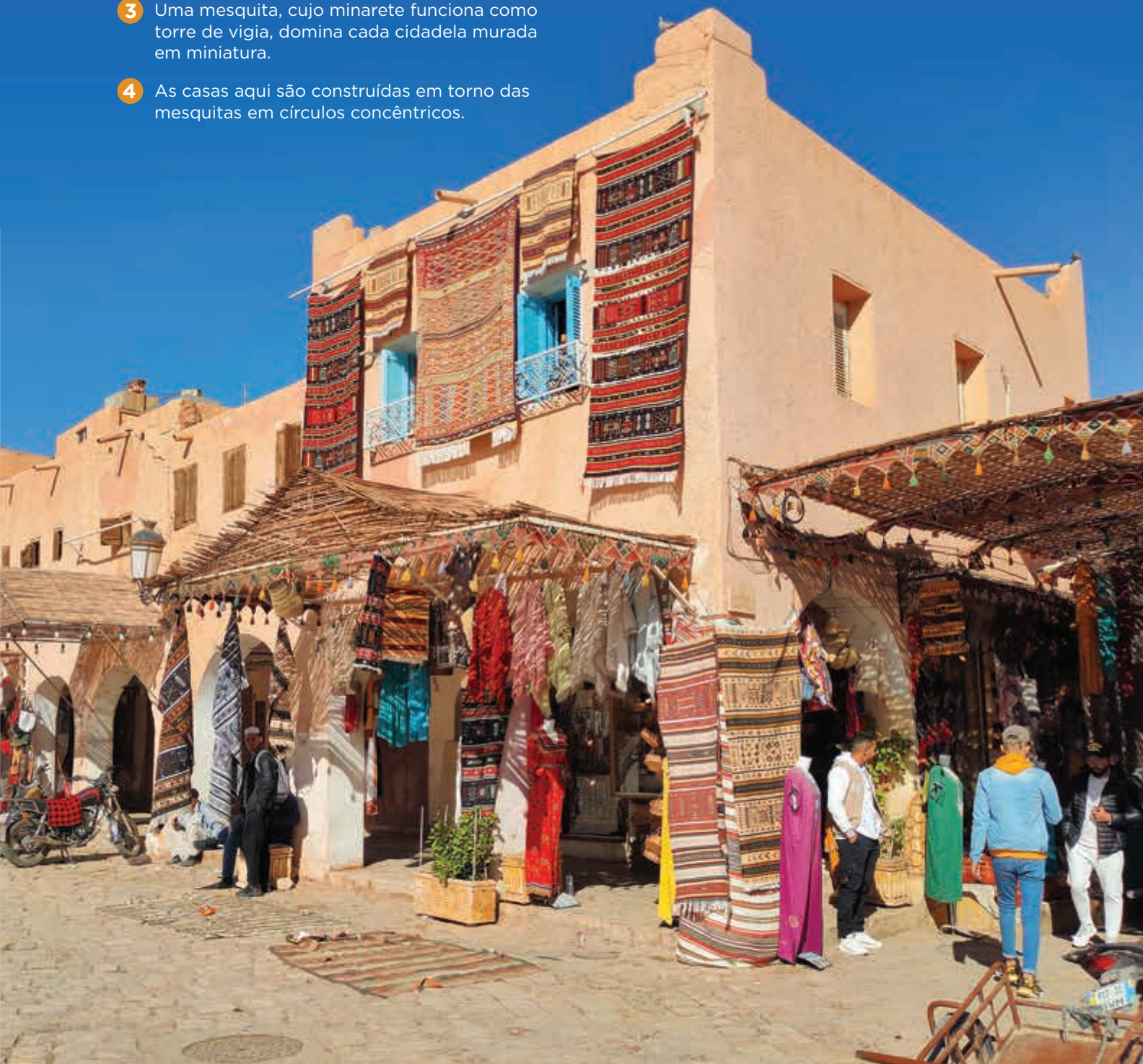
A Academia de Defesa da Nigéria, em Kaduna, revelou outra estátua de Amina em batalha em Abril de 2025, de acordo com o jornal National Accord da Nigéria.

“A rainha Amina de Zazzau, no auge do seu reinado, ocupava um território de cerca de 400.000 quilómetros quadrados, o que corresponde a cerca de 40% a 50% do território que hoje chamamos Nigéria,” o Major-General John Ochai, comandante da academia, disse na inauguração da estátua. “Podem imaginar a magnitude da área que ela controlava, e isso foi resultado da sua determinação e liderança.”

# DICAS



- 1 Os ibaditas criaram cinco cidades fortificadas no século X.
- 2 A arquitectura foi projectada para a vida em comunidade, respeitando as estruturas familiares.
- 3 Uma mesquita, cujo minarete funciona como torre de vigia, domina cada cidadela murada em miniatura.
- 4 As casas aqui são construídas em torno das mesquitas em círculos concêntricos.



# PARTILHE O SEU CONHECIMENTO



## Quer ser publicado?

**Africa Defense Forum (ADF)** é uma revista militar profissional e plataforma de notícias que funciona como um fórum internacional para profissionais militares e de segurança no continente.

A revista é publicada trimestralmente pelo **Comando dos EUA para África** e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, a estabilidade, a boa governação e a prosperidade.

O fórum permite **discussões aprofundadas e troca de ideias**. Queremos ouvir de pessoas que entendem a dinâmica e os desafios de segurança no continente. Envie um artigo para publicação na ADF e deixe a sua voz ser ouvida.

## ESTÁ ANSIOSO PELA PRÓXIMA EDIÇÃO?

A **ADF-Magazine.com** traz a si uma cobertura aprofundada dos eventos actuais que afectam a paz e a estabilidade. Confira o nosso site para ver as mesmas notícias confiáveis e precisas sobre segurança, relatadas semanalmente, a partir de todo o continente.



Se quiser manter-se conectado nas redes sociais, siga a ADF no Facebook, Twitter, Instagram e LinkedIn, ou inscreva-se na nossa lista de e-mails no nosso site, **ADF-Magazine.com**, ou enviando um e-mail para **News@ADF-Magazine.com**.

## Directrizes para autores para envio à ADF

### Requisitos editoriais

- Artigos com aproximadamente 1.500 palavras são preferíveis.
- Os artigos podem ser editados quanto ao estilo e espaço, mas a ADF colaborará com o autor nas alterações finais.
- Inclua uma breve biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua em alta resolução e imagens relacionadas com o seu artigo, com legendas e informações sobre os créditos das fotos.

### Direitos

Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar os artigos para que estejam em conformidade com os padrões editoriais e as restrições de espaço. O envio do artigo não garante a sua publicação.

### Envios

Envie todas as ideias, conteúdos e perguntas para a equipa editorial da ADF para **Editor@ADF-Magazine.com**. Ou envie por correio para um dos seguintes endereços:

Headquarters, U.S. Africa Command  
ATTN: J3/ADF News Media  
Unit 29951  
APO AE 09154 USA

Headquarters, U.S. Africa Command  
ATTN: J3/ADF News Media  
Kelly Kaserne  
Pflieger Strasse 289  
70567 Stuttgart, Germany

